

Cadernos de
Etnolinguística
(Série Monografias, 3)

**Introdução ao Mundurukú:
fonética, fonologia e
ortografia**

por

Gessiane Lobato Picanço
Universidade Federal do Pará

2012

Cadernos de Etnolinguística
ISSN 1946-7095

Editores:

J. Pedro Viegas Barros
Mônica Veloso Borges
Eduardo Rivail Ribeiro
Hein van der Voort

Série Monografias, 3

*Introdução ao Mundurukú:
fonética, fonologia e ortografia*

por Gessiane Lobato Picanço

vi + 54 p.

ISBN 978-0-9846008-2-3

© Gessiane Lobato Picanço

Incentivamos a ampla distribuição não comercial deste trabalho, tanto eletronicamente como em forma impressa, desde que sua forma e conteúdo permaneçam inalterados.

Disponível para download em
<http://www.etnolinguistica.org/mono:3>

Submetido em 12 de março de 2012
Aprovado em 13 de maio de 2012
Revisado em 29 de maio de 2012
Publicado em 24 de dezembro de 2012

Índice geral

| | |
|---|----|
| Agradecimentos | v |
| Índice de Quadros | vi |
| Convenções | vi |
| 1. Introdução | 1 |
| 1.1 Objetivos do estudo..... | 1 |
| 1.2 Nota sobre o Mundurukú | 2 |
| 1.2 Estrutura da monografia..... | 2 |
| 2. Fonemas do Mundurukú | 4 |
| 2.1. Vogais | 4 |
| 2.1.1 Vogais orais | 5 |
| Exercício 1: Vogais orais | 8 |
| 2.1.2 Vogais nasais | 8 |
| Exercício 2: Vogais nasais | 11 |
| 2.1.3 Vogais laringalizadas | 12 |
| Exercício 3: Vogais laringalizadas..... | 14 |
| Resumo: Vogais | 14 |
| 2.2. Consoantes | 15 |
| 2.2.1 Oclusivas /p, b, t, d, k, ʔ/..... | 16 |
| Exercício 4: Oclusivas | 18 |
| 2.2.2 Africadas /tʃ, dʒ/..... | 20 |
| Exercício 5: Africadas..... | 20 |
| 2.2.3 Nasais /m, n, ŋ/..... | 20 |
| Exercício 6: Nasais | 22 |
| 2.2.4 Fricativas /s, ʃ, h/..... | 23 |
| Exercício 7: Fricativas | 24 |
| 2.2.5 Vibrante simples /r/..... | 25 |
| Exercício 8: Vibrante simples..... | 25 |
| 2.2.6 Aproximantes /w, j/..... | 26 |
| Exercício 9: Aproximantes | 27 |
| Resumo: Consoantes..... | 29 |
| 3. Estrutura da sílaba | 31 |
| Exercício 10: Padrões silábicos | 32 |
| 4. Tom | 35 |
| Exercício 11: Padrões tonais..... | 36 |
| 5. Ortografia da língua Mundurukú | 38 |
| 5.1. Alfabeto Mundurukú..... | 39 |
| Exercício 12: Alfabeto Mundurukú | 42 |
| 5.2. Principais convenções ortográficas da língua Mundurukú | 43 |
| Exercício 13: Regras ortográficas..... | 44 |
| 5.3. Avaliando da ortografia Mundurukú | 45 |
| 5.3.1 Máxima motivação..... | 46 |
| 5.3.2 Máxima representação | 46 |
| 5.3.3 Máxima facilidade de aprendizagem | 47 |

| | |
|--|----|
| 5.3.4 Máxima facilidade de reprodução..... | 47 |
| 5.3.5 Máxima transferência..... | 47 |
| Exercício 14: Praticando a escrita..... | 48 |
| Considerações finais | 50 |
| Referências..... | 51 |
| Pequeno glossário | 53 |

Agradecimentos

Esta monografia é dirigida principalmente ao povo Mundurukú, tanto do Pará quanto do Amazonas, que sempre contribuiu com a minha pesquisa sobre a língua. Espero ter encontrado uma boa maneira de retribuir a colaboração!

Meus agradecimentos pessoais vão para: sra. Ester Caldeira Cardoso, uma das últimas falantes do Mundurukú do Amazonas, que forneceu os dados para a análise desse dialeto; os 45 alunos da Turma Mundurukú que participaram da disciplina Introdução à Língua Indígena (Mundurukú), para a qual uma primeira versão deste trabalho foi elaborada; as coordenadoras Rosa Helena D. da Silva e Valéria Weigel da Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas – Turma Mundurukú, da Faculdade de Educação (FACED/UFAM), por me darem a oportunidade de participar do programa desde o seu início; Eneida Santos e Cristina Borella, professoras da FACED, pelo imenso apoio e sugestões durante a pesquisa e a preparação do material; um parecerista anônimo por comentários feitos no texto, e aos editores dos Cadernos de Etnolingüística.

A pesquisa sobre a língua Mundurukú é atualmente apoiada pelo projeto *Variações da Língua Mundurukú (Tupí)*, PPGL/UFPA, coordenado pela autora; também contou com o apoio parcial do Ambassador's Fund for Cultural Preservation (US Department of State, Bureau of Educational and Cultural Affairs), através do projeto *Keeping the Talking Forests Alive: Documenting the Amazonian Oral Traditions*, PPGL/UFPA. A Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas conta com o apoio da Coordenação Geral da Educação Escolar Indígena (CGEEI/SECADI/MEC) e da Prefeitura Municipal de Borba (AM).

Índice de quadros

| | |
|---|----|
| Quadro 1. Inventário fonêmico de vogais Mundurukú..... | 5 |
| Quadro 2. Fonemas vocálicos e seus respectivos alofones e grafemas | 5 |
| Quadro 3. Regras ortográficas sobre nasalidade..... | 11 |
| Quadro 4. Inventário fonêmico de vogais laringalizadas..... | 13 |
| Quadro 5. Resumo das vogais Mundurukú..... | 15 |
| Quadro 6. Inventário fonêmico de consoantes Mundurukú e representações ortográficas | 15 |
| Quadro 7. Resumo das consoantes Mundurukú..... | 29 |
| Quadro 8. Estrutura interna da sílaba..... | 31 |
| Quadro 9. Regras da composição silábica | 32 |
| Quadro 10. Alfabeto Mundurukú – letras maiúsculas e minúsculas | 40 |
| Quadro 11. Denominações para as letras do alfabeto | 41 |

Convenções

| | |
|-------|---------------------------|
| /.../ | representação fonêmica |
| [...] | representação fonética |
| <...> | representação ortográfica |
| ~ | variação livre |
| # | início de palavra |
| + | fronteira de morfema |
| - | morfema preso |
| . | divisão silábica |
| ɥ | vogal laringalizada |
| ỹ | vogal nasalizada |
| ý | vogal com tom alto |

1. Introdução

1.1 Objetivos do estudo

Este livro foi originalmente concebido para o ensino de fonética, fonologia e ortografia do Mundurukú (Tupí), para contribuir com a revitalização da língua na Terra Indígena Kwatá-Laranjal (Amazonas), que conta atualmente com cinco falantes idosos, todos com idade superior a 80 anos (Borella & Santos, 2011). Recentemente a comunidade decidiu iniciar um programa de resgate da língua nativa, pois já tem o português como primeira língua há várias gerações. Seu conteúdo é acessível a qualquer pessoa interessada no conhecimento do Mundurukú, falante ou não da língua, e com alguma familiaridade com os conceitos básicos necessários para a compreensão de uma análise fonético-fonológica. O livro nasceu a partir de um material didático elaborado para a disciplina Introdução à Língua Indígena, pertencente à grade curricular da Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas – Turma Mundurukú, coordenada pela Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), o qual foi utilizado durante as aulas em março de 2012.

São poucos os estudos voltados exclusivamente para a fonologia do Mundurukú, podendo-se citar o de Braun & Crofts (1965), a primeira proposta conhecida e, mais recentemente, o de Picanço (2005), que apresenta uma investigação detalhada da fonética, a fonologia e algumas mudanças diacrônicas importantes ocorridas na língua. São dois estudos de natureza puramente linguística e escritos em inglês, sendo, portanto, inacessíveis às comunidades. Por isso, tentou-se elaborar um livro introdutório sobre a fonologia e a ortografia dessa língua que possa ser utilizado por aprendizes e professores para um conhecimento menos técnico de aspectos linguísticos da própria língua e também como recurso na preparação de materiais didáticos. Cada aspecto trabalhado é acompanhado de explicações e exercícios específicos para a prática da língua. Há também, ao final, um pequeno glossário com definições simplificadas dos principais termos usados aqui.

Os princípios fundamentais da organização da fonologia e a ortografia dessa língua são descritos e discutidos através de uma terminologia apropriada, estabelecendo-se sempre o paralelo entre fone, fonema e grafema; incluiu-se também a transcrição dos dados de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional. As principais referências utilizadas foram o estudo de Picanço (2005), sobre a variante do Pará, e uma análise fonológica preliminar da variante do Amazonas, também proposta pela autora, baseada em dados gravados em agosto de 2011 com uma das últimas falantes, Ester Caldeira Cardoso, 92 anos. Para a ortografia, partiu-se da proposta ortográfica de Marjorie Crofts, desenvolvida nos anos 60 (ver também Crofts, 1973, 1985), que é a mais difundida entre os Mundurukú.¹

¹ Os alunos da Licenciatura optaram por adotar a proposta ortográfica de Marjorie Crofts, embora haja outras circulando, tanto no Pará, quanto no Amazonas (ver unidade 5). A intenção é tornar a escrita Mundurukú uniforme e fortalecer o ensino da língua em escolas indígenas.

1.2 Nota sobre o Mundurukú

A comunidade indígena Mundurukú está distribuída em três estados no Brasil, Mato Grosso, Amazonas e Pará, totalizando 11.630 pessoas (FUNASA 2010, apud Instituto Socioambiental 2012). Duas grandes áreas concentram a maior parte da população. Uma delas é a Terra Indígena Kwata-Laranjal, com aproximadamente 3.820 habitantes, localizada no município de Borba, Amazonas; a outra é a Terra Indígena Mundurukú, incluindo Sai Cinza, com 7.643 habitantes, localizadas no município de Jacareacanga, Pará.² Os dois grupos são aqui denominados Mundurukú do Amazonas e Mundurukú do Pará, respectivamente. Eles são também conhecidos como Mundurukú do Madeira e Mundurukú do Tapajós, em referência aos principais rios das duas regiões.

A língua pertence à família Mundurukú que, juntamente com outras nove famílias de línguas (Arikém, Awetí, Juruna, Mawé, Mondé, Mundurukú, Puruborá, Ramaráma, Tupari e Tupi-Guaraní), forma o tronco Tupi (Nimuendajú, 1948; Rodrigues, 1964, 1986, 1999; Loukotka, 1968). A família Mundurukú é formada por duas línguas, Mundurukú e Kuruaya, porém o Kuruaya perdeu seus últimos falantes entre 2006 e 2008. Diferentemente do dialeto do Amazonas, a situação linguística dos Mundurukú do Pará é estável, embora a população de bilíngues em Mundurukú e português esteja aumentando cada vez mais. No entanto, há ainda um número considerável de monolíngues, em particular idosos, mulheres e crianças, garantindo assim sua transmissão e, conseqüentemente, sua sobrevivência. No Amazonas, o Mundurukú já foi completamente substituído pelo português.

Embora não se saiba ao certo quantos dialetos do Mundurukú há, algumas diferenças já foram anteriormente apontadas por Crofts (1967), que compara os dialetos do Amazonas e do Pará, e por Picanço (2005), que destaca algumas variações dentro do Mundurukú do Pará. A maior parte das diferenças restringe-se à parte segmental, sendo que uma merece destaque: a alveolar /d/, que no Pará é contrastiva, mas no Amazonas é neutralizada em favor de /r/.

1.3 Estrutura da monografia

O livro está dividido em outras quatro unidades, além da Introdução. Inicia-se com a unidade sobre os “Fonemas do Mundurukú”, que descreve a fonologia segmental da língua, iniciando-se com a apresentação das vogais e seus principais traços distintivos, em particular, vogal oral *versus* nasal e vogal normal *versus* laringalizada. Parte-se então para o estudo das consoantes e suas propriedades fonéticas, de acordo com cada classe — oclusivas, africadas, nasais, fricativas, vibrantes e aproximantes.

A unidade seguinte, “Estrutura da sílaba”, lida com os padrões silábicos permitidos na língua e as regras de silabificação de palavras. Atenção especial é dada a algumas regras da escrita Mundurukú por conta da relação direta com a formação de sílabas.

² Dados populacionais originalmente disponibilizados pela FUNASA no endereço (acessado em 26 de dezembro de 2011) <http://www.funasa.gov.br/internet/desai/sistemaSiasiDemografiaIndigena.asp>, que, infelizmente, já não se encontra disponível.

Na unidade sobre o “Tom”, examinam-se os dois níveis tonais distintivos da língua, Alto e Baixo, além das diferenças em padrões tonais de palavras de várias sílabas. Vários exercícios são propostos para estimular a percepção e a produção dos padrões tonais em palavras na língua. Discutem-se também as implicações de se ter um sistema ortográfico que não tem marcação de tons.

A última unidade é dedicada à “Ortografia da língua Mundurukú”, com o estudo do alfabeto e das principais convenções ortográficas. Também oferece-se um meio de avaliar, pelo menos preliminarmente, os prós e contras da ortografia escolhida.

Todas as unidades e seções são acompanhadas por uma série de instruções, exercícios e notas explicativas para orientar o aprendiz e/ou instrutor em cada tema abordado.

Vale ressaltar que todas as questões e sugestões apresentadas aqui estão de comum acordo com os alunos da Turma Mundurukú para Formação de Professores Indígenas, e foram amplamente discutidas durante o Planejamento Linguístico para a Revitalização do Mundurukú na Terra Indígena Kwatá-Laranjal (AM), realizado em agosto de 2011 (Picanço, 2012). A turma é composta por 45 alunos, incluindo 8 falantes nativos do Pará e um Sateré-Mawé, morador da área. Dentre os alunos, formou-se também a Comissão da Língua Mundurukú com representantes de várias aldeias, responsável por levar à comunidade as questões debatidas e cuidar para que as decisões tomadas sejam de fato implementadas na comunidade.

2. Fonemas do Mundurukú

Esta unidade descreve o inventário fonêmico de consoantes e vogais do Mundurukú e sua relação com a escrita prática da língua. O objetivo é permitir que o aprendiz entenda os princípios básicos da fonologia da língua Mundurukú de um ponto de vista linguístico e, ao mesmo tempo, consiga estabelecer sua conexão com a escrita prática da língua.

Toma-se como ponto de partida o dialeto falado no Pará (Picanço, 2005). Porém, sempre que necessário, observações serão feitas sobre as diferenças entre os dialetos do Pará e do Amazonas. Em todos os exemplos, fornece-se a forma fonêmica (os sons da língua que estabelecem contrastes), a forma ortográfica (escrita prática) e a forma fonética (pronúncia). Para facilitar, a pronúncia inclui também a divisão silábica, que é um aspecto importante para a distribuição dos sons (fones) e para as regras ortográficas. Os símbolos usados nas transcrições fonéticas e fonêmicas seguem o *Alfabeto Fonético Internacional*, um sistema alfabético universal para representar os sons em qualquer língua do mundo (International Phonetic Association 2005).³

IMPORTANTE: Todos os exemplos deste livro devem ser pronunciados por um falante nativo, em voz alta; os alunos devem repetir as palavras, primeiramente lendo-as e, depois, sem olhá-las. Se possível, cada exemplo deve ser colocado no contexto de uma frase simples. Recomenda-se também que os mesmos procedimentos sejam também adotados para os exercícios.

2.1. Vogais

As vogais são os únicos sons do Mundurukú que podem ocupar o núcleo da sílaba.⁴ A língua possui cinco qualidades contrastivas de vogais: uma vogal alta /i/, três médias /e, ə, o/, e uma vogal baixa /a/; cada vogal exibe uma correspondente nasal. Mais adiante veremos que, além da nasalidade, a língua também realiza em suas vogais outras duas características importantes na língua: a laringalização e os tons.

- **Nota explicativa:** Os fones (sons) são apresentados entre colchetes: []. Os fonemas (unidades distintivas) aparecem entre barras inclinadas: / /. Para a apresentação do quadro fonêmico de vogais, é importante enfatizar a articulação em si, ao invés da classificação, para que o aluno já comece a fazer a relação entre o símbolo fonético e o som que ele representa na língua.

³ A tabela do Alfabeto Fonético Internacional pode ser obtida pelo site da International Phonetic Association: http://www.langsci.ucl.ac.uk/ipa/IPA_chart_%28C%292005.pdf.

⁴ A estrutura silábica da língua é examinada na seção 3.

QUADRO 1. INVENTÁRIO FONÊMICO DE VOGAIS MUNDURUKÚ

| | Anterior | Central | Posterior |
|-------|----------|---------|-----------|
| Alta | /i/ /ĩ/ | | |
| Média | /e/ /ẽ/ | /ə/ /ǣ/ | /o/ /õ/ |
| Baixa | | /a/ /ã/ | |

O quadro 2 apresenta os fonemas vocálicos, suas formas fonéticas e os respectivos grafemas (letras).

- **Nota explicativa:** O símbolo “ ~ ” indica que há variação livre na pronúncia do fonema ou da palavra. No quadro abaixo, variação livre ocorre com a vogal /o/, que pode ser pronunciada como [o] ou como [u], tanto na forma oral quanto na forma nasal.

QUADRO 2. FONEMAS VOCÁLICOS E SEUS RESPECTIVOS ALOFONES E GRAFEMAS

| Forma fonêmica | Forma fonética | Forma ortográfica |
|----------------|----------------|-------------------|
| /i/ | [i] | I i |
| /ĩ/ | [ĩ] | Ĩ ĩ |
| /e/ | [ɛ], [e] | E e |
| /ẽ/ | [ẽ] | Ê ê |
| /ə/ | [ə] ou [ɨ] | U u |
| /ǣ/ | [ǣ] | Û ù |
| /a/ | [a] | A a |
| /ã/ | [ã] | Ã ã |
| /o/ | [o] ~ [u] | O o |
| /õ/ | [õ] ~ [ũ] | Õ õ |

- **Instruções:** É importante, especialmente para os que não falam a língua, referir-se às vogais Mundurukú pelo som que elas representam, e não como são nomeadas em português. Por exemplo, é bastante frequente a confusão com a letra <u>, que no português é pronunciada [u] mas em Mundurukú é [ə]; por conta disso, uma palavra como <obure> ‘amigo/companheiro’ acaba sendo lida como [obure] ao invés de [obəre], que é a forma real. Sendo assim, recomenda-se que a série básica de vogais seja, desde o início, dada como [a, ɛ, i, o, ə] e não *[a, ɛ, i, ɔ, u], que é a forma do português.

2.1.1 Vogais orais

A partir desta seção, cada vogal será examinada individualmente. As vogais orais possuem uma distribuição livre, podendo ocorrer em qualquer posição na palavra, seja em sílaba inicial, medial ou final.

- **Instruções:** Como a língua Mundurukú é uma língua tonal (ver unidade 4), e os tons não são marcados na escrita prática da língua, é importante que os alunos já comecem a identificar nos exemplos os dois níveis contrastivos (Alto e Baixo) que compõem o padrão tonal de cada palavra, pronunciando-a de acordo. Consegue-se isso chamando a atenção, informalmente, para a “melodia” da palavra durante a pronúncia de um falante nativo; os alunos também precisam ser instruídos a reconhecer, nas transcrições fonética e fonêmica, o acento agudo como um tom alto e sua ausência como um tom baixo.

As vogais orais são detalhadas a seguir.

- **Nota explicativa:** O símbolo “< >” diferencia a forma escrita das formas fonética e fonêmica no texto; já o ponto “.” serve para marcar a separação silábica das palavras. Alguns diacríticos também são empregados para indicar as diferenças tonais nas palavras: o tom alto é indicado por um acento agudo nas vogais (ex., á) e o tom baixo não é marcado (ex., a).

/i/. Vogal anterior alta oral, foneticamente realizada como [i] e escrita como <i>.

Exemplos:

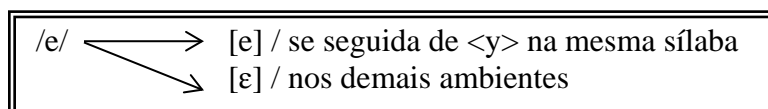
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------|---------------------------|
| (a) | /ipí/ | ipi | [i.pí] | ‘Está doendo’ |
| (b) | /waʔíʔa/ | wa’i’a | [wa.ʔí.ʔa] | ‘cabaça’; tb. ‘jamaru’ |

/e/. Vogal anterior média oral. É geralmente uma vogal média aberta [ɛ], como mostram os exemplos (a) e (b), mas tem um alofone fechado [e] se for seguida pela aproximante [j], <y> na escrita prática, na mesma sílaba, como no exemplo (c); é escrita como <e>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------|-----------|
| (a) | /é/ | e | [é] ~ [hé] | ‘caminho’ |
| (b) | /kapé/ | kape | [ka.pé] | ‘café’ |
| (c) | /ʃéj/ | xey | [ʃéj] | ‘sonho’ |

Regra 1: A vogal /e/ é foneticamente realizada com [e] se seguida de <y> na mesma sílaba e como [ɛ] nos demais ambientes.



/ə/. Vogal central média oral. Essa vogal pode apresentar uma diferença em altura

que parece estar ligada a variações dialetais e/ou etárias (geracionais). Ela é mais comumente produzida como uma central média [ə], mas há também a ocorrência de uma variante mais fechada [i], produzida principalmente por falantes mais velhos e/ou de regiões distintas. Por exemplo, no falar do Amazonas, parece haver mais a ocorrência de [i] do que de [ə]. Na ortografia, essa vogal é representada por < u >.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|--------------------|
| (a) | /iísə́/ | iisu | [i.i.sə́] | ‘Está limpo, novo’ |
| (b) | /itʃə́p/ | icup | [i.tʃə́p] | ‘Está amargo’ |

/a/. Vogal central baixa oral; é sempre [a]. Na ortografia, essa vogal é < a >.

Exemplos:

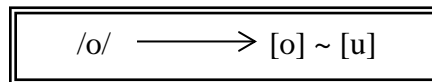
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|----------------|
| (a) | /apát/ | apat | [a.pát] | ‘jacaré’ |
| (b) | /waʔá/ | wa’a | [wa.ʔá] | ‘minha cabeça’ |

/o/. Vogal posterior média oral. Essa vogal possui dois alofones, [o] e [u], que podem alternar livremente, ou seja, a pronúncia de um ou de outro fone não altera o significado da palavra.⁵ Apesar disso, [o] é o fone usado com mais frequência. Na escrita /o/ é representado pela letra < o >.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------------------|-------------|
| (a) | /iókók/ | iokok | [i.ó.kók] ~ [i.ú.kúk] | ‘Está sujo’ |
| (b) | /joboŋ/ | yoboŋ | [jo.boŋ] ~ [ju.buŋ] | ‘É grande’ |

Regra 2: A vogal /o/ pode ser livremente pronunciada como [o] ou como [u].⁶



Passemos agora a um exercício sobre as vogais orais. Sempre que possível, tente conseguir palavras não mencionadas anteriormente.

⁵ Há uns poucos casos nos quais a alternância entre [o] e [u] não é permitida, ocorrendo somente [o], conforme observado por Picanço (2005).

⁶ Os exemplos que incluírem a vogal /o/ serão transcritos somente com a variante [o], por conta de sua frequente ocorrência. No entanto, vale lembrar que é possível ter a mesma palavra produzida com a variante [u].

Exercício 1: Vogais orais

Pesquise algumas palavras de Mundurukú que contenham cada vogal oral estudada. Não se esqueça de completar o quadro com a forma ortográfica correspondente a cada fonema. [OBS.: Cada aluno deve ir ao quadro e escrever pelo menos uma palavra com cada vogal; depois deve pronunciá-la para a turma.]

| Fonema | Fone | Grafema | Mundurukú | Português |
|--------|------|---------|-----------|-----------|
| /i/ | [i] | <i> | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Fone | Grafema | Mundurukú | Português |
|--------|----------|---------|-----------|-----------|
| /e/ | [ɛ], [e] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Fone | Grafema | Mundurukú | Português |
|--------|------------|---------|-----------|-----------|
| /ə/ | [ə] ou [ɨ] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Fone | Grafema | Mundurukú | Português |
|--------|------|---------|-----------|-----------|
| /a/ | [a] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Fone | Grafema | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|---------|-----------|-----------|
| /o/ | [o] ~ [u] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

2.1.2 Vogais nasais

A nasalidade é fonologicamente contrastiva em Mundurukú, ou seja, sua presença ou ausência pode implicar uma mudança no significado da palavra. Mesmo diante de consoantes nasais, uma vogal pode ser oral ou nasal, como veremos em exemplos abaixo. Diferentemente das vogais orais, uma vogal intrinsecamente nasal — ou seja, a que carrega a nasalidade obrigatória — é quase sempre restrita à margem direita do morfema. As vogais nasais são detalhadas a seguir.

- **Nota explicativa:** O til é o diacrítico que marca a nasalidade na vogal, “̃”.

/ĩ/. Vogal anterior alta nasal. É foneticamente [ĩ] e contrasta com sua correspondente oral /i/, como nos exemplos a seguir. Sua forma ortográfica é < ĩ >.

Exemplo do contraste entre /i/ e /ĩ/:⁷

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|----------------------|--------------------|
| (a) | /i/ | /pín/ | pin | [pí ^d n] | ‘querer/gostar’ |
| (b) | /ĩ/ | /-apín/ | -apĩn | [a.pí ⁿ] | ‘ser curto, baixo’ |

Outros exemplos para praticar a vogal nasal /ĩ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------|-----------|
| (a) | /aʃĩʔa/ | axĩʔa | [a.ʃĩ.ʔa] | ‘pimenta’ |
| (b) | /itĩŋʔa/ | itĩŋʔa | [i.tĩŋ.ʔa] | ‘pote’ |

/ẽ/. Vogal anterior média nasal. É um fone fechado [ẽ], diferente da média oral que é mais aberta, [ɛ]; é fonologicamente distinta de /e/. A forma ortográfica é < ẽ >.

Exemplo do contraste entre /e/ e /ẽ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|------------|----------|
| (a) | /e/ | /e/ | e | [ɛ] ~ [hɛ] | ‘tabaco’ |
| (b) | /ẽ/ | /ʔẽ/ | ʔẽ | [ʔẽ] | ‘pilão’ |

Outros exemplos para praticar a vogal nasal /ẽ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-------------|----------------|
| (a) | /ʃế/ | xế | [ʃế] | ‘cigana (ave)’ |
| (b) | /napẽnphá/ | napẽnpu | [na.pẽn.pá] | ‘centopeia’ |

/ũ/. Vogal central média nasal. Foneticamente [ũ] e também contrasta com a oral /ə/. Sua forma ortográfica é < ã >.

Exemplo do contraste entre /ə/ e /ũ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-----------|----------------|
| (a) | /ə/ | /iwáj/ | iwuy | [i.wáj] | ‘lavar algo’ |
| (b) | /ũ/ | /iwáj/ | iwũy | [ĩ.wáj] | ‘flechar algo’ |

Outros exemplos para praticar a vogal nasal /ũ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|--------------|
| (a) | /wásã/ | wasũ | [wá.sã] | ‘passarinho’ |

⁷ O uso do hífen “-” antecedendo algum morfema nos exemplos serve para indicar que o morfema não ocorre isoladamente.

- (b) /isõm/ isũm [i.sõm] ‘cunhado dele’

/ã/. Vogal central baixa nasal. Não é uma vogal muito comum em Mundurukú, mas é foneticamente diferente de [õ] por ser um pouco mais aberta que esta (Picanço 2005); /ã/ também contrasta também com a vogal oral /a/. Sua forma ortográfica é < ã >.

Exemplo do contraste entre /a/ e /ã/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|--------------|----------------|
| (a) | /a/ | /aʃiwaʔá/ | axiwa’a | [a.ʃi.wa.ʔá] | ‘cará (peixe)’ |
| (b) | /ã/ | /iʃiwaãʔa/ | ixiwaã’a | [i.ʃi.wã.ʔa] | ‘cupim’ |

Outros exemplos para praticar a vogal nasal /ã/:

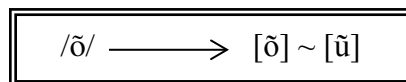
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|--------------|-----------|
| (a) | /asãwʔá/ | asãw’a | [a.sãw.ʔá] | ‘mamão’ |
| (b) | /ɕʒarãjʔa/ | jarã’y’a | [ɕʒa.rãj.ʔa] | ‘laranja’ |

/õ/. Vogal posterior média nasal; /õ/ também exhibe a mesma alternância entre [õ] e [ũ] observada em sua correspondente oral /o/. A forma ortográfica dessa vogal é < õ >.

Exemplo do contraste entre /o/ e /õ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|---|--------------|
| (a) | /o/ | /-ʔóm/ | ’om | [ʔó ^b m] ~ [ʔú ^b m] | ‘comer algo’ |
| (b) | /õ/ | /-õm/ | õm | [õm] ~ [úm] | ‘entrar’ |

Regra 3: A vogal nasal /õ/ pode ser livremente pronunciada como [õ] ou como [ũ].



Outros exemplos para praticar a vogal nasal /õ/:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-----------|
| (a) | /tʃókõn/ | cokõn | [tʃó.kõn] | ‘tucano’ |
| (b) | /nõŋʔá/ | nõg’a | [nõŋ.ʔá] | ‘pulga’ |

Resumindo, há uma e somente uma vogal obrigatoriamente nasal por morfema e somente ela pode espalhar o traço para outros segmentos à sua esquerda (nasalização regressiva). As vogais com nasalidade intrínseca (isto é, obrigatória), diferentemente das orais, são quase sempre restritas à parte final do morfema. Alguns fonemas orais são afetados pelo processo de nasalização regressiva, tornando-se também nasalizados. São eles: as consoantes /w, j, r, h, ʔ/ e as vogais orais em geral.⁸ As demais consoantes (ver

⁸ Os glides [w] e [j] são também afetados se estiverem, na mesma sílaba, à direita de uma vogal nasal como, por exemplo, na palavra *asãw’a* [a.sãw.ʔá] ‘mamão’.

seção 2.2) interrompem o processo, exceto por aquelas também nasais. As palavras abaixo ilustram a nasalização regressiva em Mundurukú.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|-----------------|-------------------|----------------|--------------------|
| (a) | /ĩ/ /teí + ʔít/ | tei'ít | [tẽ.í.ʔít̃] | 'É barato' |
| (b) | /ẽ/ /tabóé/ | taboẽ | [ta.bó.ẽ] | 'brasa' |
| (c) | /õ/ /wapərõm/ | wapurũm | [wa.põ.řõm] | 'açai' |
| (d) | /ã/ /kaɕarãwʔa/ | kajarãw'a | [ka.ɕã.řãw.ʔa] | 'panela' |
| (e) | /õ/ /bóróbə/ | borõbu | [bó.řó.bə] | 'linha de algodão' |

O quadro abaixo retrata as principais convenções ortográficas com relação à indicação da nasalidade em Mundurukú, em especial no que diz respeito ao seu espalhamento regressivo. O motivo é que não há consistência na indicação da nasalidade na ortografia elaborada por Marjorie Crofts; ora a nasalidade é marcada somente nas vogais fonologicamente nasais (ex., <wapurũm> 'açai'), ora também nas que são afetadas pelo espalhamento regressivo (ex., <urũ> 'rede'). Sendo o espalhamento um aspecto previsível da nasalidade em Mundurukú, passa-se a indicar com um til somente as vogais que carregam a nasalidade distintiva, logo: <wapurũm> 'açai' e <urũ> 'rede', respectivamente.

QUADRO 3. REGRAS ORTOGRÁFICAS SOBRE NASALIDADE

1. Indica-se a nasalidade com um til acima da vogal “ ã ”.
2. Na escrita, coloca-se o til somente sobre a vogal que é obrigatoriamente nasal, geralmente a última vogal do morfema.
3. Ainda que outras vogais sejam também nasalizadas na fala, não se marca a nasalidade delas na escrita.

O exercício seguinte é sobre vogais nasais. Sempre que possível, tente conseguir palavras diferentes das que já foram mencionadas anteriormente.

Exercício 2: Vogais nasais

Pesquise algumas palavras do Mundurukú que contenham cada vogal nasal estudada. Não se esqueça de completar o quadro com a forma ortográfica correspondente a cada fonema. [OBS.: Cada aluno deve ir ao quadro e escrever pelo menos uma palavra com cada vogal; depois deve pronunciá-la para a turma.]

| Fonema | Pronúncia | Letra | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|-------|-----------|-----------|
| /ĩ/ | [ĩ] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Pronúncia | Letra | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|-------|-----------|-----------|
| /ẽ/ | [ẽ] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Pronúncia | Letra | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|-------|-----------|-----------|
| /ã/ | [ã] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Pronúncia | Letra | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|-------|-----------|-----------|
| /ĩ/ | [ĩ] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

| Fonema | Pronúncia | Letra | Mundurukú | Português |
|--------|-----------|-------|-----------|-----------|
| /õ/ | [õ] ~ [ũ] | | | |
| | | | | |
| | | | | |

2.1.3 Vogais laringalizadas

A laringalização é um tipo de fonação que, segundo Catford (1977) e Ladefoged (1971), tem relação com o modo como as cordas vocais vibram. Na *fonação normal*, as cordas vocais são aproximadas ao longo de toda sua extensão, e com um grau adequado de tensão, permitindo uma vibração rítmica, isto é, abrindo e fechando em intervalos regulares de tempo. Na *fonação laringalizada*, somente a parte anterior das cordas vocais vibram; o resultado é um som produzido como se fossem sequências de pequenos estalos, uma voz “crepitante” (Catford 1964: 32), e com uma altura muito baixa (Ladefoged, 1971; Gordon & Ladefoged, 2001). Em Mundurukú essa diferença no modo de fonação serve para estabelecer contrastes entre itens lexicais, conforme será discutido nesta seção.

IMPORTANTE: Tons não são marcados em vogais laringalizadas porque elas só podem ser combinadas com o tom baixo em Mundurukú (Picanço 2005). Em outras palavras, toda vogal laringalizada é obrigatoriamente associada a um tom baixo.⁹

Além das vogais orais e nasais normais, o inventário fonêmico de vogais conta ainda com a série de vogais laringalizadas, tanto orais como nasais, mostradas no quadro 4 abaixo.

- **Nota explicativa:** O diacrítico que marca a laringalização é um til sob a vogal, “y”, tanto na forma fonética quanto na fonêmica.

⁹ Essa é uma relação que tem origem na própria maneira como a laringalização é produzida. Conforme Gordon & Ladefoged (2001) explicam, a voz “crepitante” (*creaky voice*) é produzida com uma forte adução das cordas vocais, que acabam vibrando irregularmente e abaixo da frequência da voz modal. O resultado é uma diminuição na frequência fundamental (altura), principal manifestação dos tons.

QUADRO 4. INVENTÁRIO FONÊMICO DE VOGAIS LARINGALIZADAS

| | Anterior | Central | Posterior |
|-------|----------|---------|-----------|
| Alta | /i/ /ĩ/ | | |
| Média | /e/ /ẽ/ | /ə/ /ǣ/ | /o/ /õ/ |
| Baixa | | /a/ /ã/ | |

Na ortografia Mundurukú, a laringalização não é sinalizada. Assim, palavras que na pronúncia são diferenciadas somente pela presença *versus* ausência de laringalização em uma determinada vogal podem tornar-se homógrafas na escrita prática (isto é, a grafia é a mesma mas o significado é diferente). Os pares a seguir mostram o contraste mínimo, ou quase mínimo, entre uma vogal modal e outra laringalizada.

Exemplos do contraste entre vogais modais e vogais laringalizadas:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-----------|----------------------------|---------------|
| (a) | /i/ | /wida/ | wida | [wi.da] | ‘barro’ |
| (b) | /ĩ/ | /wĩdã/ | wida | [wi̯.dã] | ‘onça’ |
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
| (a) | /e/ | /dʒededem/ | jededem | [dʒɛ.de.de ^b m] | ‘tocar’ |
| (b) | /ẽ/ | /idẽdẽm/ | idedem | [i.dɛ.dɛ ^b m] | ‘ralar’ |
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
| (a) | /ə/ | /oítʃək/ | oicuk | [o.í.tʃək ^ɿ] | ‘quebrou’ |
| (b) | /ǣ/ | /oítʃǣk/ | oicuk | [o.í.tʃǣk ^ɿ] | ‘esfriou’ |
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
| (a) | /a/ | /dat/ | dat | [dat ^ɿ] | ‘lacraria’ |
| (b) | /ã/ | /dãt/ | dat | [dãt ^ɿ] | ‘vômito’ |
| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
| (a) | /o/ | /irore/ | irore | [i.ro.rɛ] | ‘Está frouxo’ |
| (b) | /õ/ | /iéro/ | iero | [i.é.rɔ] | ‘Está macio’ |

As vogais laringalizadas podem ser também nasais, embora estas sejam pouco frequentes. Os exemplos abaixo ilustram vogais nasais laringalizadas.

Exemplos de vogais laringalizadas nasais:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português | |
|-----|----------------|-------------------|-------------|-------------------|--------------------|
| (a) | /ĩ/ | /karabĩŋbĩŋ/ | karabĩŋbĩŋ | [ka.ra.bĩŋ.bĩŋ] | ‘olho d’ água’ |
| (b) | /ẽ/ | /iməkénẽŋ/ | imukenẽŋ | [i.mə.ké.nẽŋ] | ‘retalhar (peixe)’ |
| (c) | /õ/ | /ikõj/ | ikũy | [i.kõj] | ‘buraco’ |
| (d) | /ã/ | /iməpã/ | imupã | [i.mə.pã] | ‘bater em algo’ |
| (e) | /õ/ | /ikarabõŋbõŋ/ | ikarabõnbõn | [i.ka.ra.bõn.bõn] | ‘É enrolado’ |

Exercício 3: Vogais laringalizadas

Ouçã atentamente as palavras abaixo que serão pronunciadas, uma a uma, por um falante nativo; depois tente localizar quais vogais são laringalizadas e sublinhe somente essas vogais, como mostrado no primeiro exemplo. Não se esqueça de separar a palavra em sílabas e colocar a tradução em português.

[OBS.: Todos os alunos devem ler em voz alta cada palavra, imitando o falante nativo.]

| | | | |
|--------------------|-------|---------------|----------------|
| (a) <u>ka.bi.a</u> | ‘dia’ | (f) tobuye | (k) ikurususut |
| (b) koykoydup | | (g) nobanõnõm | (l) wetuy |
| (c) kawi | | (h) ikibit | (m) daydo |
| (d) kasũn | | (i) imuekabek | (n) iku |
| (e) yaroyruy | | (j) otakat | (o) oajok |

Resumo: Vogais

Nesta primeira seção vimos que a língua Mundurukú distingue cinco qualidades vocálicas; no entanto, combinações envolvendo nasalidade e laringalização geram quatro séries de vogais: vogais modais orais (seção 2.1.1), vogais modais nasais (seção 2.1.2), e vogais laringalizadas orais e nasais (seção 2.1.3). O quadro 5 reúne as séries de vogais Mundurukú. Complete os pontilhados com as letras correspondentes. Lembre-se de que a ortografia da língua sinaliza somente o contraste de nasalidade, ficando o contraste de modo de fonação restrito à língua falada. Por exemplo, as vogais /a/ e /ã/ são representadas na escrita somente por < a >; o mesmo ocorre com as correspondentes nasais.

- **Intruções:** Os alunos devem repetir a sequência de cada série de vogal, imitando um falante nativo, e de preferência em pares como: modal oral – laringalizada oral, modal oral – modal nasal etc.

QUADRO 5. RESUMO DAS VOGAIS MUNDURUKÚ

| | | | | |
|------------|------------|------------|------------|--------------|
| /a/ - /ǎ/ | /e/ - /ɛ/ | /i/ - /ĩ/ | /o/ - /ɔ/ | /ə/ - /ɛ̃/ |
| <A, a> | <.....> | <.....> | <.....> | <.....> |
| /ã/ - /ã̃/ | /ẽ/ - /ẽ̃/ | /ĩ/ - /ĩ̃/ | /õ/ - /õ̃/ | /õ̃/ - /õ̃̃/ |
| <Ã, ã> | <.....> | <.....> | <.....> | <.....> |

2.2. Consoantes

O inventário Mundurukú de consoantes é formado por 17 fonemas (Crofts, 1985; Picanço, 2005). A alveolar /d/ ocorre somente na variante do Pará, por isso está entre parênteses no quadro abaixo; no Amazonas ela foi neutralizada em favor de /r/. O inventário do dialeto amazonense é, portanto, formado por 16 fonemas consonantais. As 17 consoantes aparecem representadas no quadro 6, que mostra uma classificação fonética, feita com base no Alfabeto Fonético Internacional.¹⁰ Essas consoantes dividem-se em cinco pontos de articulação (labial, alveolar, palatal, velar e glotal) e seis modos de articulação (oclusivo, africado, nasal, fricativo, vibrante simples (ou tepe) e aproximante). No quadro 6, logo abaixo de cada fonema aparece o grafema que o representa na ortografia Mundurukú, proposta por Marjorie Crofts.

QUADRO 6. INVENTÁRIO FONÊMICO DE CONSOANTES MUNDURUKÚ E REPRESENTAÇÕES ORTOGRÁFICAS¹¹

| | Bilabial | | Alveolar | | Palatal | | Velar | Glotal |
|------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Oclusiva | /p/ | /b/ | /t/ | (/d/) | | | /k/ | /ʔ/ |
| | p | b | t | d | | | k | ' |
| Africada | | | | | /tʃ/ | /dʒ/ | | |
| | | | | | c | j | | |
| Nasal | | /m/ | | /n/ | | | /ŋ/ | |
| | | m | | n | | | ñ | |
| Fricativa | | | /s/ | | /ʃ/ | | | /h/ |
| | | | s | | x | | | h |
| Vibrante simples | | | | /r/ | | | | |
| | | | | r | | | | |
| Aproximante | | /w/ | | | | /j/ | | |
| | | w | | | | y | | |

As seções seguintes descrevem todas as consoantes individualmente. Há uma série

¹⁰ Picanço (2005) apresenta uma classificação das consoantes do Mundurukú, com base em seu comportamento fonológico. Nesse sentido, as africadas formam uma só classe com as oclusivas, enquanto que as glotais /ʔ, h/ e a vibrante /r/ são agrupadas na classe das aproximantes.

¹¹ Por questões de conveniência, a vibrante simples (ou tepe) será representada por [r] ao invés do símbolo [ɾ].

de exercícios ao final da descrição de cada grupo de consoantes, porém recomenda-se que, para cada consoante estudada, o aluno resolva logo o exercício referente a ela.

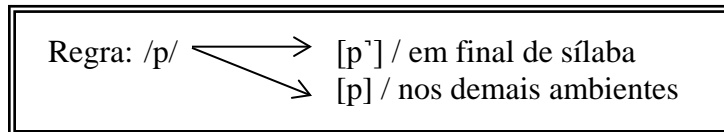
2.2.1 Oclusivas /p, b, t, d, k, ʔ/

/p/. Oclusiva bilabial surda. Pode ocorrer em início e em final de sílaba e ser combinada com qualquer vogal; no início da sílaba é sempre [p], mas no final é uma consoante presa, ou não explodida, [p̚]. Na escrita prática, o fonema /p/ é representado pela letra <p>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|------------------------------|-------------------|--|-----------|
| (a) | /péta/ | peta | [pé.ta] | ‘festa’ |
| (b) | /kápé/ | kape | [ká.pé] | ‘café’ |
| (c) | /kip/ | kip | [kip̚] | ‘piolho’ |
| (d) | PA: /dápsém/ AM: /rápsém/ | dapsem | PA: [dáp̚.sé ^b m] AM: [ráp̚.sé ^b m] | ‘veado’ |

Regra 4: A consoante /p/ é presa, [p̚], em final de sílaba, e explodida nos demais ambientes.



/b/. Oclusiva bilabial sonora. Só ocorre em início de sílaba, onde é sempre [b]. Pode ser combinada com qualquer vogal, embora ocorra com menos frequência diante de vogal nasal. Na escrita prática, o fonema /b/ é representado pela letra .

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-------------------------|
| (a) | /bío/ | bio | [bí.o] | ‘anta’ |
| (b) | /obəre/ | obure | [o.bə.rɛ] | ‘meu amigo/companheiro’ |
| (c) | /kəbí/ | kabi | [kə.bí] | ‘céu’ |

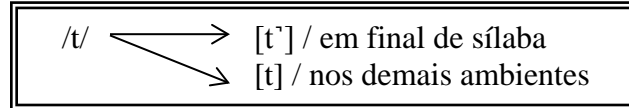
/t/. Oclusiva alveolar surda. Pode ocorrer em início e em final de sílaba, combinada com qualquer vogal; no início da sílaba é sempre [t], mas no final da sílaba é um alofone preso, ou não explodido, [t̚]. Na escrita prática, o fonema /t/ é representado por <t>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-----------|
| (a) | /péta/ | peta | [pé.ta] | ‘festa’ |
| (b) | /witó/ | witõ | [wi.tó] | ‘mutum’ |

- | | | | | |
|-----|-------------|----------|---------------|-----------------|
| (c) | /ʃípat/ | xipat | [ʃí.pat̚] | ‘está bom’ |
| (d) | /takat̚kan/ | takatkan | [ta.kat̚.kan] | ‘cortando algo’ |

Regra 5: A consoante /t/ é presa, [t̚], em final de sílaba, e explodida nos demais ambientes.



/d/. Oclusiva alveolar sonora. Só ocorre em início de sílaba e diante de vogais orais. É a única consoante que exibe uma diferença fonológica entre os dialetos do Pará e do Amazonas. No Amazonas, a oclusiva /d/ e a vibrante /r/ não contrastam, havendo só a ocorrência de /r/. No Pará, /d/ e /r/ são fonemas distintos. Na escrita do Pará, /d/ é representado por <d>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|---------------|-----------|
| (a) | PA: /dárək/ | daruk | PA: [dá.rək̚] | ‘arco’ |
| | AM: /rárək/ | | AM: [rá.rək̚] | |
| (b) | PA: /dajdó/ | daydo | PA: [daj.dó] | ‘tatu’ |
| | AM: /rajró/ | | AM: [raj.ró] | |

IMPORTANTE: Os alunos participantes da Licenciatura Específica para Formação de Professores – Turma Mundurukú, para a qual uma versão preliminar desta monografia foi elaborada, optaram por manter <d> na ortografia, mesmo sabendo que o dialeto do Amazonas não estabelece contraste entre /d/ e /r/. Há duas razões para essa decisão. A primeira é que há um desejo de padronizar a escrita prática do Mundurukú entre todos os dialetos da língua, para fortalecer a língua e a educação na área. A outra é que todos no Amazonas têm consciência de que as únicas fontes disponíveis da língua na Terra Indígena Kwatá-Laranjal são alguns idosos, a maioria dos quais sem muitas condições físicas para ensinar a língua aos mais jovens. Desse modo, o êxito no processo de revitalização da língua dependerá quase que exclusivamente dos Mundurukú do Pará. Entretanto, há ainda a intenção de valorização do dialeto, expressada através de uma das regras da ortografia Mundurukú (ver também unidade 5):

“As letras <d> e <r> são pronunciadas como [r] no dialeto Mundurukú falado no Amazonas. No Mundurukú do Pará, a letra <d> é pronunciada como [d].”

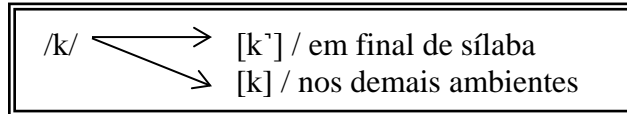
/k/. Oclusiva velar surda. Pode ocorrer em início e em final de sílaba, combinada com qualquer vogal; no início é [k], mas no final da sílaba é uma consoante presa [k̚]. Na escrita prática, o fonema /k/ é representado pela letra <k>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-----------|
| (a) | /kip/ | kip | [kip̚] | ‘piolho’ |

| | | | | |
|-----|--------|------|----------|----------|
| (b) | /kápe/ | kape | [ká.pé] | ‘café’ |
| (c) | /kák/ | kak | [kákʔ] | ‘raposa’ |
| (d) | /əkʔá/ | uk’a | [əkʔ.ʔá] | ‘casa’ |

Regra 6: A consoante /k/ é presa, [kʔ], em final de sílaba, e explodida nos demais ambientes.



/ʔ/. Oclusiva glotal. Ocorre em início de sílaba, como uma parada rápida ou simplesmente como laringalização nas vogais próximas. Na escrita prática, o fonema /ʔ/ é representado pelo apóstrofe < ’ >.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------|-----------|
| (a) | /ʔẽ/ | ’ẽ | [ʔẽ] | ‘pilão’ |
| (b) | /witáʔa/ | wita’a | [wi.tá.ʔa] | ‘pedra’ |
| (c) | /əkʔá/ | uk’a | [əkʔ.ʔá] | ‘casa’ |

Exercício 4: Oclusivas

Pesquise alguns exemplos de /p, t, k, ʔ/ em início de palavra:

| | | | |
|-----|-----|----------|---------|
| /p/ | [p] | pe.ta | ‘festa’ |
| | [p] | _____ | ‘_____’ |
| | [p] | _____ | ‘_____’ |
| /t/ | [t] | ta.do.’a | ‘uxi’ |
| | [t] | _____ | ‘_____’ |
| | [t] | _____ | ‘_____’ |
| /k/ | [k] | ka.pe | ‘café’ |
| | [k] | _____ | ‘_____’ |
| | [k] | _____ | ‘_____’ |
| /ʔ/ | [ʔ] | ’ẽ | ‘pilão’ |
| | [ʔ] | _____ | ‘_____’ |
| | [ʔ] | _____ | ‘_____’ |

Pesquise alguns exemplos de /p, t, k, ʔ/ em início de sílaba medial:

| | | | |
|-----|-----|--------|---------|
| /p/ | [p] | ka.pe | ‘café’ |
| | [p] | _____ | ‘_____’ |
| | [p] | _____ | ‘_____’ |
| /t/ | [t] | wa.tip | ‘sapê’ |
| | [t] | _____ | ‘_____’ |

| | | | |
|-----|-----|-------|----------------|
| | [t] | _____ | ‘_____’ |
| /k/ | [k] | de.ko | ‘macaco coatá’ |
| | [k] | _____ | ‘_____’ |
| | [k] | _____ | ‘_____’ |
| /ʔ/ | [ʔ] | we.ʔẽ | ‘meu pilão’ |
| | [ʔ] | _____ | ‘_____’ |
| | [ʔ] | _____ | ‘_____’ |

Pesquise alguns exemplos de /p, t, k/ em final de sílaba:

| | | | |
|-----|------|-------|----------------------|
| /p/ | [pʰ] | kip | ‘piolho’ |
| | [pʰ] | _____ | ‘_____’ |
| | [pʰ] | _____ | ‘_____’ |
| /t/ | [tʰ] | dat | ‘lacrãia, escorpião’ |
| | [tʰ] | _____ | ‘_____’ |
| | [tʰ] | _____ | ‘_____’ |
| /k/ | [kʰ] | uk.ʔa | ‘casa’ |
| | [kʰ] | _____ | ‘_____’ |
| | [kʰ] | _____ | ‘_____’ |

DITADO: Algumas palavras serão faladas por um falante nativo da língua Mundurukú. Fique atento às consoantes /p, t, k/ em fim de sílaba, e também à oclusiva glotal /ʔ/.

| | | |
|-------|-------|-------|
| _____ | _____ | _____ |
| _____ | _____ | _____ |
| _____ | _____ | _____ |

Pesquise alguns exemplos de /b/ e /d/, em início ou meio de palavra:

- **Nota explicativa:** Os fonemas /d/ e /r/ só ocorrem no dialeto do Pará; no Mundurukú do Amazonas só existe /r/. No entanto, na escrita é necessário fazer a diferença entre < d > e < r >. Neste exercício consiga somente exemplos que tenham /d/ correspondendo a /r/ no Amazonas.

| | | | |
|-----|---------|--------|----------------------|
| /b/ | [b] | we.bay | ‘meu pai’ |
| | [b] | _____ | ‘_____’ |
| | [b] | _____ | ‘_____’ |
| | [b] | _____ | ‘_____’ |
| /d/ | [d]/[r] | dat | ‘lacrãia, escorpião’ |
| | [d]/[r] | _____ | ‘_____’ |
| | [d]/[r] | _____ | ‘_____’ |
| | [d]/[r] | _____ | ‘_____’ |

EXERCÍCIO EXTRA-CLASSE: Ouça o CD com a lista de palavras gravada com Dona Ester Cardoso, uma das últimas falantes do Mundurukú do Amazonas. Procure anotar algumas palavras que tenham o fone [r] e pesquise junto aos colegas do Pará se eles as pronunciam com <r> [r] ou com <d> [d].

2.2.2 Africadas /tʃ, dʒ/

/tʃ/. Africada palatal surda. Só ocorre em início de sílaba, onde é sempre [tʃ]. Ocorre raramente formando sílaba com /i/. Na escrita prática, /tʃ/ é representado por <c>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|--------------|---------------|
| (a) | /tʃókõn/ | cokõn | [tʃókõñ] | ‘tucano’ |
| (b) | PA: /datʃé/ | dace | PA: [da.tʃé] | ‘gavião real’ |
| | AM: /ratʃé/ | | AM: [ra.tʃé] | |

/dʒ/. Africada palatal sonora. Só ocorre em início de sílaba, como [dʒ]. Ocorre raramente formando sílaba com /i/ e é menos frequente diante de vogal nasal. Na escrita prática, o fonema /dʒ/ é representado pela letra <j>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|---------------|------------------|
| (a) | /ʃidʒáp/ | xijap | [ʃi.dʒáp̃] | ‘barraca/abrigo’ |
| (b) | PA: /dʒaʒé/ | daje | PA: [dʒa.dʒé] | ‘queixada’ |
| | AM: /raʒé/ | | AM: [ra.dʒé] | |

Exercício 5: Africadas

Pesquise alguns exemplos de /tʃ, dʒ/ em início de palavra.

| | | | |
|------|------|--------|-------------------|
| /tʃ/ | [tʃ] | da.ce | ‘gavião real’ |
| | [tʃ] | _____ | ‘_____’ |
| | [tʃ] | _____ | ‘_____’ |
| /dʒ/ | [dʒ] | xi.jap | ‘abrigo, barraca’ |
| | [dʒ] | _____ | ‘_____’ |
| | [dʒ] | _____ | ‘_____’ |

Pesquise alguns exemplos de /tʃ, dʒ/ em início de sílaba medial:

| | | | |
|------|------|----------|---------|
| /tʃ/ | [tʃ] | da.ce | ‘festa’ |
| | [tʃ] | _____ | ‘_____’ |
| | [tʃ] | _____ | ‘_____’ |
| /dʒ/ | [dʒ] | ta.do.’a | ‘uxi’ |
| | [dʒ] | _____ | ‘_____’ |
| | [dʒ] | _____ | ‘_____’ |

2.2.3 Nasais /m, n, ŋ/

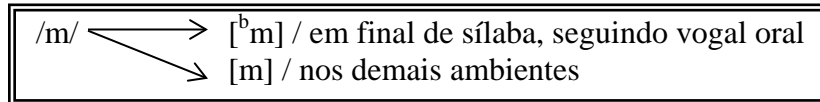
/m/. Nasal bilabial. Ocorre em início e final de sílaba, mas raramente é combinada com as vogais /i/ e /e/. No início da sílaba, /m/ é produzida como [m] normal (ver exemplo (a)). Quando ocorre no final da sílaba, /m/ tem duas variantes: a primeira é [m],

que ocorre depois de uma vogal também nasal (ver exemplo (b)), e a outra é uma variante pré-oralizada, [ʰm], que ocorre depois de uma vogal oral (ver exemplo (c)). Na escrita prática, o fonema /m/ é representado pela letra <m>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-------------|--------------------|
| (a) | PA: /mədí/ | mudi | [mə.dí] | ‘cutia’ |
| | AM: /mərí/ | | | |
| (b) | /wapərẽm/ | wapurũm | [wa.pə.rẽm] | ‘açá’ |
| (c) | /tírem/ | tirem | [tí.rɛʰm] | ‘Ele está molhado’ |

Regra 7: A nasal bilabial /m/ é pré-oralizada, [ʰm], seguindo uma vogal oral na mesma sílaba, e [m] nos demais ambientes.

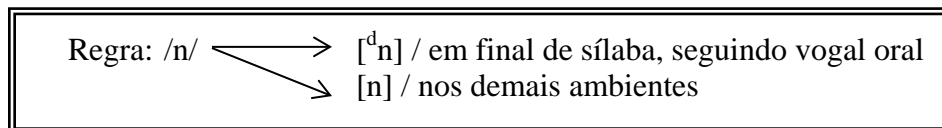


/n/. Nasal alveolar. Ocorre em início e final de sílaba, e não é combinada com a vogal /i/. No início da sílaba, /n/ é produzida como [n] normal (ver exemplo (a)). Quando ocorre no final da sílaba, /n/ tem duas variantes: a primeira é [n], que ocorre depois de uma vogal nasal (ver exemplo (b)), e a outra é uma variante pré-oralizada, [ᵈn], que ocorre depois de vogal oral (ver exemplo (c)). Na escrita prática, o fonema /n/ é representado pela letra <n>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-----------|-----------|
| (a) | /nõŋʔá/ | nõg̃'a | [nõŋ.ʔá] | ‘pulga’ |
| (b) | /waẽn/ | waẽn | [wã.ẽn] | ‘forno’ |
| (c) | /ɕɛpín/ | jepin | [ɕɛ.píᵈn] | ‘querer’ |

Regra 8: A nasal alveolar /n/ é pré-oralizada, [ᵈn], seguindo uma vogal oral na mesma sílaba, e [n] nos demais ambientes.



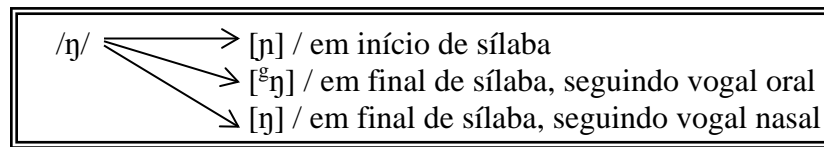
/ŋ/. Nasal velar. Ocorre em início e final de sílaba, e não é combinada com a vogal /i/. No início da sílaba, /ŋ/ é produzida como uma palatal nasal, [ɲ], e a vogal que vem logo depois é também nasalizada, como [ɲã] no exemplo (a). Geralmente não há necessidade de se colocar o til nessa vogal na escrita prática porque se trata de uma regra previsível. Assim como acontece com as outras duas nasais da língua, /ŋ/ também tem duas variantes ao final da sílaba: [ŋ], que ocorre depois de uma vogal nasal (ver exemplo (b)), e a outra é a variante pré-oralizada, [ᵈŋ], que ocorre depois de uma vogal oral (ver

exemplo (c)). Na escrita prática, o fonema /ŋ/ é representado pela letra <g>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------------------|-----------------|
| (a) | /piŋá/ | piça | [pĩ.ŋá] | ‘anzol’ |
| (b) | /awẽŋ/ | awẽg | [ã.wẽŋ] | ‘notícias tuas’ |
| (c) | /joboŋ/ | yoboç | [jo.bo ^ç ŋ] | ‘É grande’ |

Regra 9: A nasal velar /ŋ/ possui três alofones: um alofone palatal [ɲ] em início de sílaba, um alofone pré-oralizado [ɲ̥] seguindo uma vogal oral na mesma sílaba, e outro velar [ŋ] seguindo uma vogal nasal, também na mesma sílaba.



Exercício 6: Nasais

Pesquise alguns exemplos de /m, n, ŋ/ em início de sílaba (inicial e medial).

| | | | |
|-----|------|-------|---------|
| /m/ | [m] | _____ | ‘_____’ |
| | [m] | _____ | ‘_____’ |
| | [m] | _____ | ‘_____’ |
| /n/ | [n] | _____ | ‘_____’ |
| | [n] | _____ | ‘_____’ |
| | [n] | _____ | ‘_____’ |
| /ŋ/ | [ɲ] | _____ | ‘_____’ |
| | [ɲ̥] | _____ | ‘_____’ |
| | [ŋ] | _____ | ‘_____’ |

Pesquise alguns exemplos de /m, n, ŋ/ em final de sílaba, seguindo uma vogal nasal:

| | | | |
|-----|------|-------|---------|
| /m/ | [m] | _____ | ‘_____’ |
| | [m] | _____ | ‘_____’ |
| | [m] | _____ | ‘_____’ |
| /n/ | [n] | _____ | ‘_____’ |
| | [n] | _____ | ‘_____’ |
| | [n] | _____ | ‘_____’ |
| /ŋ/ | [ɲ] | _____ | ‘_____’ |
| | [ɲ̥] | _____ | ‘_____’ |
| | [ŋ] | _____ | ‘_____’ |

Pesquise alguns exemplos de /m, n, ŋ/ em final de sílaba, seguindo uma vogal oral:

| | | | |
|-----|-------------------|-------|---------|
| /m/ | [^b m] | _____ | ‘_____’ |
| | [^b m] | _____ | ‘_____’ |
| | [^b m] | _____ | ‘_____’ |

| | | | |
|-----|-------------------|-------|---------|
| /n/ | [^d n] | _____ | ‘_____’ |
| | [^d n] | _____ | ‘_____’ |
| | [^d n] | _____ | ‘_____’ |
| /ŋ/ | [^g ŋ] | _____ | ‘_____’ |
| | [^g ŋ] | _____ | ‘_____’ |
| | [^g ŋ] | _____ | ‘_____’ |

DITADO: Algumas palavras serão faladas por um falante nativo da língua Mundurukú. Tente reconhecer quais das consoantes nasais (/m, n, ŋ/) estão ocorrendo no final da sílaba em cada palavra.

2.2.4 Fricativas /s, f, h/

/s/. Fricativa alveolar surda. Só ocorre em início de sílaba; não é combinada com a vogal /i/, exceto em empréstimos do português como, por exemplo, *basia’a* ‘bacia’. Na escrita prática, o fonema /s/ é representado pela letra <s>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|--------------------|------------|
| (a) | /sapokáj/ | sapokay | [sa.po.káj] | ‘galinha’ |
| (b) | /pəkaso/ | pukaso | [pə.ka.só] | ‘pombinha’ |
| (c) | /kisé/ | kisé ou kisē | [ki.sé] ou [ki.sē] | ‘faca’ |

/ʃ/. Fricativa palatal surda. Só ocorre em início de sílaba; pode ser combinada com qualquer vogal, exceto com /ə/. Na escrita prática, /ʃ/ é representado pela letra <x>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------------------|----------------|
| (a) | /ʃík/ | xik | [ʃík ^ɿ] | ‘carapanã’ |
| (b) | /taʃíp/ | taxip | [ta.ʃíp ^ɿ] | ‘Está quente’ |
| (c) | /oʃat/ | oxat | [o.ʃat ^ɿ] | ‘minha comida’ |

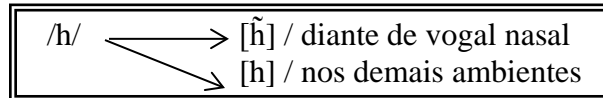
/h/. Fricativa glotal surda. Só ocorre em início de sílaba e, geralmente, em posição intervocálica, entre vogais iguais. Porém, [h] é opcionalmente inserido em início de palavras começadas por vogal (ver exemplo (d)).¹² Quando precede uma vogal nasal, /h/ tem uma variante nasalizada, [h̃] (ver exemplo (c)). Na escrita prática, o fonema /h/ é representado pela letra <h>.

¹² Principalmente palavras curtas, com uma só sílaba.

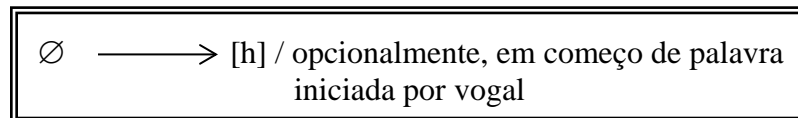
Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-------------------------|---------------|
| (a) | /íhí/ | ihi | [í.hí] | ‘inverno’ |
| (b) | /iáhám/ | iaham | [i.á.há ^b m] | ‘mordendo-o’ |
| (c) | /eóhó/ | eõhõ | [ẽ.ó.õ ^h ó] | ‘tua criação’ |
| (d) | /e/ | e | [ɛ] ~ [hɛ] | ‘tabaco’ |

Regra 10: A fricativa glotal /h/ torna-se nasalizada precedendo uma vogal nasal.



Regra 11: A fricativa /h/ é opcionalmente inserida em começo de palavra iniciada por vogal.



IMPORTANTE: Geralmente não se escrevem aqueles sons que são opcionalmente inseridos, como no caso de [h] do Mundurukú. Por isso, ainda que se pronuncie [háj] ou [áj] ‘paca’, fonemicamente a palavra é /áj/ e, portanto, a escrita deve registrar somente <ay>.

Exercício 7: Fricativas

Pesquise alguns exemplos de /s, ʃ/ em começo de sílaba (inicial e medial) na palavra.

| | | | | | |
|-----|-----|--|---|--|---|
| /s/ | [s] | | ‘ | | ’ |
| | [s] | | ‘ | | ’ |
| | [s] | | ‘ | | ’ |
| /ʃ/ | [ʃ] | | ‘ | | ’ |
| | [ʃ] | | ‘ | | ’ |
| | [ʃ] | | ‘ | | ’ |

Pesquise alguns exemplos de /h/ em início de sílaba. Lembre-se que esta consoante só ocorre no meio de palavra; sua ocorrência no início de palavra é opcional na fala e, por esse motivo, não deve ser escrita.

| | | | | | |
|-----|-----|--|---|--|---|
| /h/ | [h] | | ‘ | | ’ |
| | [h] | | ‘ | | ’ |
| | [h] | | ‘ | | ’ |

Pesquise alguns exemplos de /h/ próximo a vogais nasalizadas.

| | | | | | |
|-----|------|--|---|--|---|
| /h/ | [h̃] | | ‘ | | ’ |
| | [h̃] | | ‘ | | ’ |

[h̃] _____ ‘ _____ ’

Pesquise alguns exemplos de palavras que comecem por vogal, mas que podem ser pronunciadas com ou sem [h]. Na segunda coluna, coloque a palavra como é realmente escrita; a tradução em português vai na terceira coluna. Siga o exemplo dado.

| | | |
|-----------|---------|------------|
| Fala | Escrita | |
| ên ou hên | ên | ‘tu, você’ |
| _____ | _____ | ‘ _____ ’ |
| _____ | _____ | ‘ _____ ’ |
| _____ | _____ | ‘ _____ ’ |

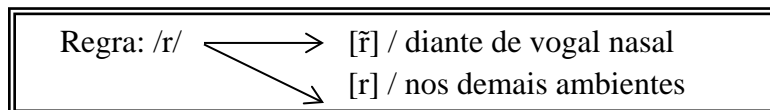
2.2.5 Vibrante simples /r/

/r/. Vibrante (tepe) alveolar. Só ocorre em início de sílaba. No Pará /r/ não ocorre em início de palavra, exceto em empréstimos do Português como, por exemplo, *rapi’ip* ‘lápiz’. No Amazonas, /r/ ocorre livremente em início de palavras e entre vogais, por conta de ser a consoante que substitui /d/. Quando próxima de vogais nasalizadas, /r/ é também nasalizada [r̃] (ver exemplo (b)). Na escrita prática, o fonema /r/ é representado pela letra <r>.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-------------|--------------------|
| (a) | /parawá/ | parawa | [pa.ra.wá] | ‘arara’ |
| (b) | /bórõbə/ | borõbu | [bõ.ṛ õ.bə] | ‘linha de algodão’ |

Regra 12: A vibrante simples /r/ torna-se nasalizada precedendo uma vogal nasal.



Exercício 8: Vibrante simples

Pesquise alguns exemplos de /r/ em início de sílaba.

| | | | |
|-----|-----|-------|-----------|
| /r/ | [r] | _____ | ‘ _____ ’ |
| | [r] | _____ | ‘ _____ ’ |
| | [r] | _____ | ‘ _____ ’ |

Pesquise alguns exemplos de /r/ próximo a vogais nasalizadas.

| | | | |
|-----|------|-------|-----------|
| /r/ | [r̃] | _____ | ‘ _____ ’ |
| | [r̃] | _____ | ‘ _____ ’ |
| | [r̃] | _____ | ‘ _____ ’ |

Pesquise alguns exemplos de palavras que são pronunciadas com [r] < r > tanto no Pará quanto no Amazonas:

| Pará | Amazonas | |
|--------|----------|---------|
| parawa | parawa | ‘arara’ |
| _____ | _____ | ‘_____’ |
| _____ | _____ | ‘_____’ |
| _____ | _____ | ‘_____’ |

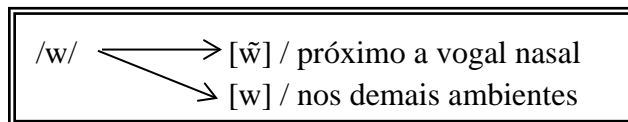
2.2.6 Aproximantes /w, j/

/w/. Aproximante bilabial. É pronunciada de forma parecida com uma vogal posterior [u], mas um pouco mais curta e com comportamento de uma consoante; ou seja, não pode ocupar o núcleo da sílaba. Ocorre livremente em início e final de sílaba, combinada com qualquer outra vogal, exceto com a vogal /o/; quando próxima a vogais nasalizadas, /w/ também se torna nasalizada, [w̃] (ver exemplo (d)). No alfabeto Mundurukú, /w/ é representado pela letra < w >.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|------------|------------|
| (a) | /wé/ | we | [wé] | ‘capivara’ |
| (b) | /parawá/ | parawa | [pa.ra.wá] | ‘arara’ |
| (c) | /kawtá/ | kawta | [kaw.tá] | ‘sal’ |
| (d) | /waẽn/ | waẽn | [wã.ẽn] | ‘forno’ |

Regra 13: A aproximante bilabial /w/ < w > torna-se nasalizada precedendo uma vogal nasal.

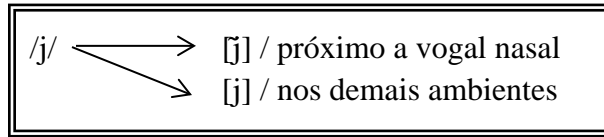


/j/. Aproximante palatal. É parecida com a vogal [i], mas também não pode ocupar o núcleo da sílaba. Ocorre livremente em início e final de sílaba, combinada com qualquer outra vogal, exceto com a vogal /i/; quando próxima a vogais nasais, /j/ também se torna nasalizada, [j̃] (ver exemplo (d)). No alfabeto Mundurukú, o fonema /j/ é representado pela letra < y >.

Exemplos:

| | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
|-----|----------------|-------------------|-------------|----------------|
| (a) | /joptí/ | yopti | [jop̃.tí] | ‘leite do pau’ |
| (b) | /ijə/ | iyu | [i.jə] | ‘Está salgado’ |
| (c) | /pój/ | poy | [pój] | ‘tartaruga’ |
| (d) | /wajõmpá/ | wayõmpu | [wã.jõm.pé] | ‘tipiti’ |

Regra 14: A aproximante palatal /j/ < y > torna-se nasalizada precedendo uma vogal nasal.



IMPORTANTE: Uma das maiores dificuldades dos Mundurukú é saber diferenciar <w> de <o> ou <y> de <i> na escrita prática, já que, foneticamente, os pares são muito semelhantes. Daí a necessidade de se trabalhar cuidadosamente essa distinção na escrita com base, principalmente, na divisão silábica.

Como diferenciar na escrita as vogais <i, o> das consoantes <y, w>? Os sons vocálicos [i] e [u], podem ser manifestações fonéticas tanto dos fonemas vocálicos /i/ e /o/, quanto das aproximantes /j/ e /w/. Sendo assim, uma palavra como [ai] ‘paca’ poderia ser escrita como <ai> ou <ay>, do mesmo modo que a palavra [tauɛ] ‘macaco’ poderia ser escrita como <tawe> ou <taoe>. Para saber que letra usar, se <w> ou <o> / <y> ou <i>, você precisa verificar a silabificação dessas sequências, da seguinte forma (Ver também seção 5.2):

— Se a sequência formar uma só sílaba, ou seja, [Vu.], [.uV], [Vi.] ou [.iV], isso indica que os sons [u] e [i] representam consoantes, logo devem ser escritas com <w, y>: <Vw>, <wV>, <Vy> ou <yV>. Nos dois exemplos acima, esse fones formam uma única sílaba com as vogais, logo: [ta.uê] é <ta.we> na ortografia e [ai] é <ay>.

— Se a sequência formar sílabas separadas, ou seja, [V.u], [u.V], [V.i] ou [i.V], as letras <o> e <i> devem ser usadas: <Vo>, <oV>, <Vi> e <iV>. Por exemplo, na palavra [u.é.ʔǎ] ‘ele morreu’, a sequência [uɛ] forma duas sílabas, [u.é.ʔǎ], logo: <oe’ũ>.

Exercício 9: Aproximantes

Pesquise alguns exemplos de /w/ e /j/ em começo de sílaba (início ou meio de palavra).

| | | | | | |
|-----|-----|-------|---|-------|---|
| /w/ | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| /j/ | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |

Pesquise alguns exemplos de /w/ e /j/ em final de sílaba.

| | | | | | |
|-----|-----|-------|---|-------|---|
| /w/ | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [w] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| /j/ | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |
| | [j] | _____ | ‘ | _____ | ’ |

Pesquise alguns exemplos de /w/ e /j/ próximo a vogais nasalizadas.

| | | | |
|-----|------|-------|---------|
| /w/ | [w̃] | _____ | ‘_____’ |
| | [w̃] | _____ | ‘_____’ |
| | [w̃] | _____ | ‘_____’ |
| /j/ | [j] | _____ | ‘_____’ |
| | [j] | _____ | ‘_____’ |
| | [j] | _____ | ‘_____’ |

Vimos que a pronúncia das letras <y, w> lembra muito a pronúncia das vogais <i, o> na língua falada. O que determinará se a palavra será escrita com <y, w> ou com <i, o> depende da sua divisão silábica. As duas questões seguintes são para praticar a diferenciação dessa regra da ortografia Mundurukú. Pesquise algumas palavras com <w> e <y> e outras com <o> e <i>. Separe-as em sílabas, se for o caso, como nos exemplos dados.

| | | |
|-----|---------|-------------------------------|
| <w> | we | ‘capivara’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| <o> | o.e | ‘meu tabaco’ ou ‘meu caminho’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| <y> | ya.’a | ‘sua cabeça’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| <i> | i.a.ham | ‘mordendo-o’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |
| | _____ | ‘_____’ |

DITADO: Ouça atentamente a lista de palavras que será ditada por um falante nativo. Todas elas contêm sequências que podem ser escritas com <w, y> ou <o, i>. Fique atento à silabificação da palavra para decidir qual letra utilizar ao escrever cada palavra.

| < o > | < w > | < i > | < y > |
|-------|-------|-------|-------|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

Resumo: Consoantes

O quadro abaixo resume o inventário de fonemas consonantais e seus respectivos alofones. Complete-o com os grafemas e com exemplos para cada consoante. Lembre-se de que alguns fonemas não ocorrem em todas as posições da palavra e da sílaba. Por exemplo, /p/ ocorre em início e fim da sílaba, mas /b/ só ocorre em início de sílaba, seja sílaba inicial ou medial na palavra. Tente preencher o quadro sem retomar as lições estudadas para que você possa avaliar seu próprio aprendizado até o momento.

QUADRO 7. RESUMO DAS CONSOANTES MUNDURUKÚ

| Fonemas | Alofones | Grafemas | Inicial | Medial | Final |
|---------|-------------------------|----------|--------------|----------------------|------------|
| /p/ | [p], [p ^h] | | poy | ka. pe ‘café’ | kip |
| /b/ | [b] | | bo.rõ | ka. bi | ----- |
| /t/ | [t], [t ^h] | | | | |
| /d/ | [d] | | | | |
| /k/ | [k], [k ^h] | | | | |
| /ʔ/ | [ʔ] | | | | |
| /tʃ/ | [tʃ] | | | | |
| /dʒ/ | [dʒ] | | | | |
| /m/ | [m], [b ^h m] | | | | |
| /n/ | [n], [d ^h n] | | | | |
| /ŋ/ | [ŋ], [ŋ], [ʔŋ] | | | | |
| /s/ | [s] | | | | |
| /ʃ/ | [ʃ] | | | | |

| | | | | | |
|-----|-----------|--|--|--|--|
| /h/ | [h], [h̃] | | | | |
| /r/ | [r], [r̃] | | | | |
| /w/ | [w], [w̃] | | | | |
| /j/ | [j], [j̃] | | | | |

3. Estrutura da sílaba

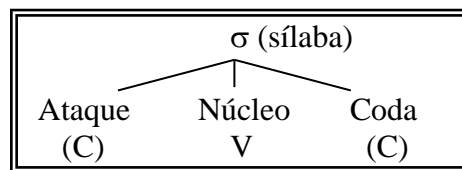
Desde o início deste estudo os exemplos do Mundurukú foram apresentados com separação de sílabas. Não só há várias regras da ortografia prática que fazem referência à constituição da sílaba, como ela é, também, importante para o sistema tonal da língua. Nesta unidade abordaremos a sílaba; o sistema tonal será estudado na unidade seguinte.

A **sílaba** pode ser definida como “uma unidade de pronúncia maior do que um som e menor do que uma palavra” (Crystal 1985:238), que organiza as sequências de sons dentro das palavras. Uma língua pode ter diversas formas de silabificação, ou seja, divisão de suas palavras de acordo com o número de sílabas contidas nelas (Crystal 1985). São elas:

- i. Monossílabos: palavras com um só sílaba (ex.: *e* ‘tabaco’)
- ii. Dissílabos: palavras com duas sílabas (ex.: *pe.ta* ‘festa’)
- iii. Trissílabos: palavras com três sílabas (ex.: *a.ko.ba* ‘banana’)
- iv. Polissílabos: palavras com mais de três sílabas (ex.: *i.ta.ko.ma* ‘está zangado’)

A sílaba é tipicamente formada por três elementos: *ataque* (ou onset), *núcleo* e *coda*, conforme mostrado abaixo. O núcleo da sílaba é o único elemento obrigatório, ocupado mais frequentemente por uma vogal (V); ataque e coda são posições tipicamente ocupadas por consoantes (C). Em Mundurukú, o núcleo é obrigatório, mas o ataque (onset) e a coda não.

QUADRO 8. ESTRUTURA INTERNA DA SÍLABA



De acordo com sua estrutura interna, o Mundurukú permite os quatro tipos de sílabas ilustrados a seguir:

- **V:** *e* ‘tabaco’, *a.ro* ‘papagaio’; *o.xe.e* ‘minha pele’; *i.e.u* ‘Está inchado’
- **CV:** *wa.’a* ‘minha cabeça’; *a.ko.ba* ‘banana’; *pi.ãa* ‘anzol’; *bi.o* ‘anta’
- **VC:** *po.at.po.at* ‘gavião’; *wa.ên* ‘forno’; *i.ok* ‘É preto’; *ay* ‘preguiça’/‘paca’
- **CVC:** *suy* ‘jandaia’; *’ot.pu* ‘verme’; *wũy* ‘porto ou longe’; *i.tay.bit* ‘É sabido’

Dependendo da presença ou da ausência de uma coda, a sílaba pode ser *aberta* (se não possuir coda) ou *fechada* (se possuir coda). Toda língua tem regras definidas para determinar os tipos de sílaba permitidas e quantos e quais fonemas podem ocupar as posições de núcleo, ataque e coda. Em Mundurukú as regras são as seguintes:

QUADRO 9. REGRAS DA COMPOSIÇÃO SILÁBICA

1. A posição de *núcleo* da sílaba é obrigatória e só pode ser ocupada por uma única vogal (V).
2. As posições de *ataque* e *coda* são opcionais e devem ser ocupadas por consoantes (C).
3. Só é permitido um único fonema (C ou V) em cada posição na sílaba.

As regras (1) e (3) nunca são violadas em Mundurukú. A regra (1) é particularmente decisiva na questão das aproximantes /w, j/ versus vogais /o, i/, examinada na seção 2.2.6. Sons vocálicos assilábicos devem ser ocupar outras posições além do núcleo, que só permite um único elemento, ou seja, uma vogal plena.

Quanto à regra (2), a presença de um *ataque* na sílaba passa a ser obrigatória em casos de reduplicação, cuja parte repetida precisa ter uma consoante no início da sílaba reduplicada.¹³ Por exemplo, a forma verbal <i.a> ‘mordê-lo’, quando reduplicada, torna-se <i.a.ham> ‘mordendo-o’; a consoante que tem a função de preencher a posição de ataque da sílaba reduplicada é <h>.¹⁴

Pela regra (3), sequências de sons vocálicos foneticamente semelhantes ou idênticos (ex., [uo], [ii], [εε], [aa] etc.), são sempre separadas em diferentes sílabas. Exemplos: <o.xe.e> ‘minha pele’, <co.ot> ‘rolinha’, <i.i.su> ‘está novo/limpo’. Ela também prevê que, em combinações morfológicas que venham a promover encontros consonantais (ex., <tup> + <rut> ‘folha’ + ‘ser/estar branco’ → <tuprut> ‘a folha está branca’), cada consoante será distribuída a posições diferentes, nesse caso coda e ataque, logo: <tup.rut>, mas não *<tu.prut>.

Exercício 10: Padrões silábicos

Dê exemplos de palavras monossilábicas, dissilábicas, trissilábicas e polissilábicas em Mundurukú. Coloque a tradução em português e separe cada palavra em sílabas.

| Monossílabos | Dissílabos | Trissílabos | Polissílabos |
|--------------|---------------|-------------|--------------|
| | pe.ta ‘festa’ | | |
| | | | |
| | | | |
| | | | |

¹³ Reduplicação é um processo morfológico no qual a raiz ou parte dela é repetida (copiada) na forma de um afixo (Crystal 1985). Em Mundurukú, geralmente é a última sílaba da raiz que é copiada, formando um sufixo. A reduplicação pode ser usada para indicar diferentes características gramaticais como, por exemplo, aspecto verbal, pluralidade, etc (Picanço 2005).

¹⁴ Na seção 2.2.4, observou-se que /h/ ocorre mais entre vogais iguais. Isso pode ser explicado se aceitarmos que, historicamente, essa consoante tinha talvez uma função puramente epentética em casos de reduplicação. Com o passar do tempo, algumas palavras foram lexicalizadas na forma reduplicada (ex., -ōhō ‘criação’), dando a /h/ um status fonêmico. Daí a sua distribuição ser ainda restrita à posição medial e entre vogais iguais.

Pesquise alguns exemplos de sílabas V, CV, VC, e CVC em início, meio e fim de palavra em Mundurukú. Coloque a tradução e sublinhe a sílaba, como nos exemplos dados.

| Tipos | Inicial | Medial | Final |
|-------|----------------------|-------------------------------|-------------------------|
| V | | <u>so.e.dup</u> ‘pacu grande’ | |
| | | | |
| VC | | | |
| | | | |
| CV | <u>pe.ta</u> ‘festa’ | | |
| | | | |
| CVC | | | <u>i.dip</u> ‘é bonito’ |
| | | | |

Agora indique a posição de cada segmento das sílabas sublinhadas na tabela abaixo e identifique o padrão silábico (CV, VC etc.) e o tipo da sílaba (aberta ou fechada). Faça como nos exemplos. Não se esqueça de procurar saber o significado de cada palavra.

| Ataque | Núcleo | Coda | Tipo | |
|--------|--------|------|---------------|--------------------|
| d | a | y | CVC - fechada | <u>day</u> .do |
| x | o | -- | CV - aberta | wa. <u>xo</u> |
| | | | | ko. <u>a</u> .to |
| | | | | <u>ay</u> .pa.pa |
| | | | | e.de. <u>o</u> |
| | | | | ok. <u>pot</u> |
| | | | | <u>o</u> .re |
| | | | | i.e. <u>rep</u> |
| | | | | o. <u>ya</u> .o.ka |
| | | | | je. <u>puw</u> |

Separe as palavras abaixo em sílabas, colocando-as nas posições indicadas. Não se esqueça de procurar saber o significado de cada palavra.

| 1ª sílaba | 2ª sílaba | 3ª sílaba | 4ª sílaba | |
|-----------|-----------|-----------|-----------|----------|
| i | wek | -- | -- | iwek |
| | | | | ka'õgtot |
| | | | | uk'a |
| | | | | muwu |
| | | | | soedup |
| | | | | ihi'uk |
| | | | | yopti |
| | | | | jeda'i |

| | | | | |
|--|--|--|--|-----|
| | | | | oio |
| | | | | iyu |

4. Tom

O Mundurukú é uma língua tonal (Braun & Crofts 1965; Picanço 2002, 2005). Uma língua é considerada tonal quando a altura melódica em cada sílaba da palavra serve para estabelecer contrastes lexicais (Pike 1947); ou seja, a altura melódica da palavra (o padrão tonal) é usada para dar significados diferentes a itens lexicais ou para diferenciar certas funções gramaticais.

A língua possui dois tons contrastivos: o tom Alto (A), que nas formas fonêmica e fonética é marcado por um acento agudo acima da vogal (ex., /á/), e o tom Baixo (B), que não é marcado (ex., /a/). A escrita prática do Mundurukú não tem marcação para o tom. Conseqüentemente, assim como ocorre com as vogais laringalizadas (seção 2.1.3), palavras que são diferenciadas somente pelo padrão tonal têm a mesma forma escrita na língua (ou seja, são homógrafas).

Os exemplos a seguir demonstram a importância do tom para distinguir significados de palavras em Mundurukú.

| Exemplos: palavras monossilábicas | | | | | |
|-----------------------------------|-------|----------------|-------------------|------------|---------------------|
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | A | /é/ | e | [é] ~ [hé] | ‘caminho’ |
| (b) | B | /e/ | e | [ε] ~ [hε] | ‘tabaco’ |
| Exemplos: palavras dissilábicas | | | | | |
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | A | /wǎj/ | wūy | [wǎj] | ‘porto’ |
| (b) | B | /wãj/ | wūy | [wãj] | ‘longe’ |
| Exemplos: palavras trissilábicas | | | | | |
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | A-A | /íhí/ | ihí | [í.hí] | ‘inverno’ |
| (b) | A-B | /íhi/ | ihí | [í.hi] | ‘macaco da noite’ |
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | B-A | /oʔát/ | oʔat | [o.ʔát] | ‘Ele(a) caiu’ |
| (b) | B-B | /oʔat/ | oʔat | [o.ʔat] | ‘Eu caí’ |
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | A-A-A | /áɖóɖót/ | ajojot | [á.ɖó.ɖót] | ‘avós’ |
| (b) | B-B-B | /aɖoɖot/ | ajojot | [a.ɖo.ɖot] | ‘nós (incl) viemos’ |
| | Tom | Forma fonêmica | Forma ortográfica | Pronúncia | Português |
| (a) | B-A-B | /oɖóʔo/ | ojóʔo | [o.ɖó.ʔo] | ‘Ele(a) comeu algo’ |

(b) B-B-A /oɕoʔó/ ojo'ó [o.ɕo.ʔó] 'Eu comi algo'

Os únicos segmentos que podem carregar o tom em Mundurukú são as vogais. Se uma palavra tem duas vogais, então tem dois tons; se tem três vogais, então três tons, e assim por diante. Outra exigência em relação aos tons do Mundurukú é quanto ao tipo de fonação. Somente as vogais modais podem receber o tom A; as vogais laringalizadas só ocorrem com o tom B (Picanço 2005).

A forma como os tons A e B serão combinados em uma sequência é imprevisível. Por exemplo, se considerarmos somente as palavras dissilábicas, há quatro combinações possíveis: A-A, A-B, B-B, B-A; todas essas sequências são encontradas em Mundurukú. O mesmo é verdadeiro para palavras trissilábicas, entre as quais encontramos todos os oito padrões possíveis: A-A-A, A-A-B, A-B-B, A-B-A, B-B-B, B-B-A, B-A-A, B-A-B.

Alguns padrões tonais são mais frequentes que outros, como é o caso do padrão B-A, incluindo B-B-A, que é o mais comum na língua; já o padrão A-B, incluindo A-A-B, é o mais raro de todos (para detalhes, ver Picanço 2005). Parece haver uma preferência na língua para realizar o tom A na margem direita da palavra, e o tom B na margem esquerda.

Há várias regras na fonologia da língua Mundurukú que causam mudanças nos padrões tonais dos morfemas quando são combinados com outros morfemas. No entanto, essas mudanças não serão discutidas nesta introdução ao Mundurukú.¹⁵ O importante neste momento, especialmente para os não falantes da língua, é saber reconhecer os dois principais níveis de altura das palavras e pronunciá-las como tal.

Exercício 11: Padrões tonais

Ouçã atentamente à leitura das palavras abaixo, feita por um falante nativo de Mundurukú. Em seguida imite a pronúncia em voz alta. Fique atento ao padrão tonal indicado. Também complete com os significados.

| Palavras monossilábicas com padrão A | | Palavras monossilábicas com padrão B | |
|--------------------------------------|--------|--------------------------------------|--|
| kak | raposa | xa | |
| xuy | | op | |
| we | | 'ẽ | |

| Palavras dissilábicas com padrão A-A | | Palavras dissilábicas com padrão A-B | |
|--------------------------------------|--|--------------------------------------|--|
| doa | | o'a | |
| dapsem | | kaxi | |
| parat | | taẽ | |

| Palavras dissilábicas com padrão B-B | | Palavras dissilábicas com padrão B-A | |
|--------------------------------------|--|--------------------------------------|--|
| wiap | | potip | |
| eit | | ato | |

¹⁵ Picanço (2005) oferece um estudo detalhado sobre o sistema tonal da língua.

| | | | |
|-------|--|------|--|
| kadiḡ | | tawe | |
|-------|--|------|--|

| Palavras trissilábicas com padrão B-B-A | | Palavras trissilábicas com padrão B-A-A | |
|---|--|---|--|
| kasopta | | ayacat | |
| axima | | iwajo | |
| koato | | koara | |

| Palavras trissilábicas com padrão B-B-B | | Palavras trissilábicas com padrão B-A-B | |
|---|--|---|--|
| wapurũm | | kabido | |
| kabidiḡ | | korara | |
| itayxi | | wita'a | |

DITADO: Este exercício é para você praticar sua percepção dos tons e da laringalização. Uma lista de palavras será ditada por um falante nativo. Para marcar o tom A, utilize um acento agudo “ ´ ” e deixe a vogal com tom B sem qualquer marcação, como no primeiro exemplo. Algumas palavras podem ter vogais laringalizadas, como *banana*, no segundo exemplo; nesse caso marque a vogal laringalizada com um acento grave “ ` ”.

Lembrete: Uma boa maneira de identificar os tons é associando a “melodia” da palavra, sílaba por sílaba.

- **Nota explicativa:** Este exercício foi elaborado com dois propósitos: primeiro para estimular a percepção dos alunos, falantes e não-falantes, acerca das diferenças nos padrões tonais de palavras na língua; o outro para que todos tivessem a oportunidade de vivenciar, na prática, uma forma de marcar tom e laringalização na escrita, já preparando-os para as discussões na unidade seguinte.

| | | | | | |
|-------------------|--|--|--|--|--|
| péta 'festa' | | | | | |
| ákobà 'banana' | | | | | |
| | | | | | |

Agora tente descobrir palavras em Mundurukú com os padrões tonais pedidos no quadro abaixo. Novamente, para marcar o tom A, utilize um acento agudo “ ´ ” e deixe a vogal com tom B sem acento.

| A-B | B-A | B-B-A | A-B-A | B-A-B | B-A-A |
|-----|-----|-------|-------|-------|-------|
| | | | | | |
| | | | | | |
| | | | | | |

5. Ortografia da língua Mundurukú

Esta unidade descreve o alfabeto e as principais convenções da ortografia Mundurukú. Ortografia, segundo Seifart (2006), é a união de uma série de grafemas padronizados, como num alfabeto, com uma série de regras, também padronizadas, que definem sua utilização. A meta é justamente tornar as regras do alfabeto Mundurukú mais explícitas para, assim, uniformizar seu uso na comunidade.

Ainda que a proposta ortográfica de Marjorie Crofts para o Mundurukú já esteja em uso há várias décadas, sua padronização ainda está longe de ser alcançada (Picanço 2012). Verificou-se que parte do problema deve-se à falta de conhecimento, tanto de usuários quanto de instrutores, das regras que regem o alfabeto Mundurukú. Há uma explicação: nenhum dos materiais consultados para a preparação deste trabalho discute claramente as regras ortográficas da língua; cartilhas de alfabetização, livros de leitura, gramáticas e outras publicações limitam-se, geralmente, a apresentar a chamada *chave de pronúncia* (instruções para o estabelecimento da relação som/letra), tomando o português como referência, apesar de as duas línguas terem várias diferenças.¹⁶ O resultado é uma explicação confusa e até mesmo errônea para ensinar o alfabeto. A letra <u>, por exemplo, que representa a vogal /ə/, é introduzida em cartilhas Mundurukú como “um som entre o *i* e *u* no português” (ex., *Mõnjouroko ã’õ – Cartilha 1 Mundurukú*, 1966: Prefácio; também Crofts 1985). Um teste informal realizado durante um encontro anterior, no Amazonas, apontou que os alunos tendiam a pronunciar a letra <u> como [u] durante a leitura, fone que ela de fato representa em português.¹⁷ Quando instruídos a pronunciar a vogal “como um som entre *i* e *u*” do português, a tendência foi produzi-la mais como uma vogal posterior não arredondada ([u]) ou uma anterior arredondada ([y]), e não como [i] ou [ə], que seriam os alvos. Se para um linguista descrições assim parecem óbvias, para os verdadeiros usuários da ortografia elas não têm muito a contribuir no aprendizado da língua escrita, podendo, até, agravar a proliferação de diferentes formas de escrever as palavras da língua, porque enfatizam o uso de outra língua como referência; aliás, exemplos da interferência da escrita do português na escrita do Mundurukú são constantes, como ilustrado abaixo. A primeira forma, em negrito, representa a escrita real da palavra; ao lado dela aparecem as variações. As mais comuns são as substituições de <k> por “c”, <ḡ> por “nh”, no início de sílaba, ou por “ng” no final, <u> por “o”, <w, y> por “u, i”, e a nasalização da vogal representada por “m”.

¹⁶ Infelizmente tomar o português como referência para descrever os sons das letras de alfabetos indígenas não está restrito ao Mundurukú. Vários materiais didáticos e dicionários de outras línguas foram também consultados, e a maioria segue a mesma prática; alguns chegam a fazer referência até mesmo a outras línguas como inglês ou alemão (mas ver nota 16 e seção 5.1).

¹⁷ Fazer associações com o português é obviamente inevitável, principalmente para os não falantes de Mundurukú. Por exemplo, durante o planejamento linguístico realizado em 2011 (ver Picanço 2012), os Mundurukú do Amazonas também optaram por incluir nas convenções ortográficas definidas na ocasião uma observação específica sobre a pronúncia da vogal <u>: “A letra <u> não é pronunciada como no português; ela representa a vogal [ə] que é semelhante a “ô” mas com os lábios não arredondados e com a língua mais para frente.” Essa convenção tornou-se desnecessária depois que as letras <a, e, i, o, u>, representando as vogais Mundurukú, passaram a ser treinadas na sequência [a, ɛ, i, o, ə], ao invés de [a, ɛ, i, ɔ, u], como são conhecidas em português (ver seção 5.1). Mudar o foco para o que as letras de fato representam na língua fez com que os alunos progredissem muito mais rapidamente na escrita e na leitura.

Exemplos de variações na ortografia Mundurukú:

| Fonemas | Letras | Exemplos | Variações na forma escrita | |
|---------|--------|-----------------------------|--|----------------------------|
| /k/ | < k > | /kák/ | kak , cak | ‘raposa’ |
| /ŋ/ | < ã > | /táŋe/ /nõŋʔá/ | taãe , tanhẽ, tañe nõã’a , nõng’a | ‘rato’ ‘pulga’ |
| /w/ | < w > | /tawé/ | tawe , taue | ‘macaco’ |
| /y/ | < y > | /dajdó/ | daydo , daido | ‘tatu’ |
| /ĩ/ | < ã > | /okõ/ (V-nasal) /oõm/ | okõ , okom oõm , oom | ‘minha língua’ ‘Entrei’ |
| /ə/ | < u > | /kapəsə/ | kapusu , kaposu | ‘tipo de pássaro’ |

Há outros dois fatores que também contribuem para a não-uniformização da escrita Mundurukú, tanto no Pará quanto no Amazonas. Um deles é bastante comum em comunidades indígenas (ex., Franchetto 2008) e diz respeito às constantes mudanças feitas na proposta ortográfica já estabelecida para a língua (ex., Cardoso, 1995), além das modificações informalmente implementadas por professores locais. Um exemplo claro são os fonemas /tʃ/ e /dʒ/, que têm pelo menos três letras diferentes cada para representá-los na escrita: /tʃ/ é escrito como <c, tx, tj, tch> e /dʒ/ como <j, dz, dj>.

O outro fator diz respeito à forma deficiente como a ortografia é repassada à comunidade. Sem o conhecimento adequado do alfabeto e de suas convenções ortográficas, os usuários passam a utilizar algumas letras aleatoriamente. É o caso do apóstrofe < ’ >, grafema da consoante /ʔ/, que está sendo usado como uma tentativa de marcar a laringalização vocálica, já que ela não é sinalizada na escrita; por exemplo, a palavra /wɨdã/ <wida> ‘onça’ aparece escrita, seja no Pará ou no Amazonas, como <wi’da’, wi’da, wid’a, wi’d’a>.

O fato é que os usuários da língua Mundurukú parecem ter perdido o controle sobre o próprio sistema ortográfico. As consequências imediatas são o desprestígio da língua escrita e a desmotivação de seu uso na comunidade, fazendo com que o ensino da língua materna perca a sua importância na preservação e na divulgação da língua. Daí a necessidade de se incluir neste trabalho uma unidade dedicada à ortografia Mundurukú, para que se reflita não somente sobre o alfabeto escolhido pela comunidade para escrever a língua, mas também sobre algumas das principais convenções que regulam seu uso, a maioria das quais já estudadas nas unidades anteriores, e agora reunidas na seção 5.2. É também necessário encorajar os usuários e/ou instrutores da língua a avaliar adequadamente o sistema. Aqui a avaliação se dará sob o ponto de vista dos cinco princípios que, segundo Smalley (1964), devem reger a boa elaboração da escrita prática em qualquer língua. Os princípios são: motivação, representação, facilidade de reprodução, facilidade de aprendizagem e transferência (seção 5.3).

5.1. Alfabeto Mundurukú

O alfabeto Mundurukú é constituído por 22 grafemas representando os 22 fonemas

da língua, sendo 17 para as consoantes e 5 para as vogais, dispostos na ordem abaixo.¹⁸

QUADRO 10. ALFABETO MUNDURUKÚ – LETRAS MAIÚSCULAS E MINÚSCULAS

| | | | | | | | | | | |
|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| A a | B b | C c | D d | E e | Ĝ ĝ | H h | I i | J j | K k | M m |
| /a/ | /b/ | /tʃ/ | /d/ | /e/ | /ŋ/ | /h/ | /i/ | /tʃ/ | /k/ | /m/ |
| N n | O o | P p | R r | S s | T t | U u | W w | X x | Y y | ' |
| /n/ | /o/ | /p/ | /r/ | /s/ | /t/ | /ə/ | /w/ | /ʃ/ | /j/ | /ʔ/ |

As vogais fonologicamente nasais são as mesmas das vogais orais, exceto que recebem um til; o til também é utilizado em <ĝ> para indicar que se trata de uma consoante nasal.

Vogais nasais: ã ã ã ã ã ã ã ã ã ã

Exercício rápido: Tente colocar as letras do alfabeto Mundurukú na ordem estabelecida, sem consultar as seções anteriores.

Lidar com as letras do alfabeto do Mundurukú levantou uma nova questão. Não se costuma incluir em propostas de ortografia indígena qualquer discussão sobre uma forma específica de referir-se às letras do alfabeto dentro da comunidade ou durante a alfabetização em escolas locais. Em geral adotam-se os mesmos nomes das letras que são atribuídos pela língua nacional e que, na maioria das vezes, não refletem adequadamente os sons que elas de fato representam na língua indígena.¹⁹

Como parte do planejamento linguístico para o Mundurukú do Amazonas, deu-se início a uma discussão sobre como abordar o alfabeto em escolas da comunidade. Ainda não se chegou a uma decisão definitiva sobre os nomes das letras, mas os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar na prática algumas situações que requerem uma referência letra-a-letra como, por exemplo, soletrar palavras na língua. Diferentes opções foram experimentadas, algumas bem específicas, outras misturando o Mundurukú com o português, ou ainda manter tudo idêntico ao português. Ao final, decidiu-se que a ortografia Mundurukú deveria adaptar alguns nomes de letras de modo a tornar-se mais transparente quanto aos sons que elas representam na língua. O objetivo é permitir que, ao ouvir uma palavra na língua, o aprendiz saiba como soletrá-la ou, frente a uma palavra escrita, ele saiba como pronunciá-la.

¹⁸ Por decisão dos próprios alunos Mundurukú, a sequência das letras difere um pouco da proposta por Crofts (1985), especificamente em dois aspectos: a letra <ĝ> passa a ficar na mesma posição de “g” do alfabeto português, enquanto Crofts a coloca seguindo as nasais <m, n>; e a glotal <'>, que na proposta original segue <k>, passa a ser a última letra do alfabeto.

¹⁹ O Guaraní do Paraguai é uma exceção (vide http://en.wikipedia.org/wiki/Guaraní_alphabet).

A proposta apresentada no quadro 11 é a sugerida para o Mundurukú; ela é específica à língua, porém compatível com os nomes utilizados no alfabeto da língua portuguesa.²⁰ No caso das vogais, há duas adaptações: o nome da letra <u> passa a ser [ə] “â”, ao invés de [u] “u”; a letra <o> deve ser pronunciada como uma vogal fechada [o] “ô”, não mais como uma vogal aberta [ɔ] “ó”; as demais permanecem como no português, [a] “a”, [ɛ] “é” e [i] “i”.

Quanto às consoantes, mantêm-se os mesmos termos do português para as letras <b, d, k, m, n, p, t>,²¹ mas adaptam-se os termos para as demais, do seguinte modo: <c, j> passam a [tʃe] “txê” e [dʒe] “djê”, ao invés de “cê” e “jota”, respectivamente; o “gê com til”, <g̃>, passa a [ne] “nhê”, <h> passa a [ha] “ha” ao invés de “agá”, e <r, s, w, x, y> passam, na ordem, a [re] “rê”, [se] “sê”, [we] “wê”, [ʃe] “xê”, e [je] “yê”, ao invés de “erre, esse, dáblio, xis e ípsilon”; e, finalmente, o apóstrofe “ ’ ”, que passa a ser denominado “glotal”.

QUADRO 11. DENOMINAÇÕES PARA AS LETRAS DO ALFABETO

| Letra | Letra (MDK) | Letra (PB) | Chave de pronúncia |
|-------|-------------|------------|--|
| a | a | a | [a] |
| b | be | bê | [b] |
| c | ce | txê | [tʃ] |
| d | de | dê | PA: [d] / AM: [r] |
| e | e | é | geralmente [ɛ]; [e] se anteceder <y> na mesma sílaba |
| g | ge | nhê | [ŋ] - início de sílaba; [ŋ] - final de sílaba seguindo vogal nasal; [ʰŋ] - final de sílaba seguindo vogal oral |
| h | ha | ha | [h] |
| i | i | i | [i] |
| j | Je | djê | [dʒ] |
| k | ka | ka | geralmente [k]; [kʰ] - final de sílaba |
| m | me | mê | geralmente [m]; [ᵐm] - final de sílaba seguindo vogal oral |
| n | ne | nê | geralmente [n]; [ᵈn] - final de sílaba seguindo vogal oral |
| o | o | ô | [o] ou [u] |
| p | pe | pê | geralmente [p]; [pʰ] - final de sílaba |
| r | re | rê | [r] |
| s | se | sê | [s] |

²⁰ Como se trata de uma novidade na língua, essa proposta ainda precisa ser melhor discutida com a comunidade Mundurukú e, portanto, estará sujeita a mudanças.

²¹ Em algumas regiões do Brasil <m, n> são conhecidas como “mê” e “nê”, em outras como “eme” e “ene”.

| | | | |
|---|--------|--------|--|
| t | te | tê | geralmente [t]; [tʰ] - final de sílaba |
| u | u | â | [ə] |
| w | we | wê | [w] |
| x | xe | xê | [ʃ] |
| y | ye | yê | [j] |
| ' | glotal | glotal | [ʔ] |

- **Nota:** O alfabeto é melhor aprendido quando agrupado de três em três letras: “a-be-ce” “de-e-ge” “ha-i-je” “ka-me-ne” “o-pe-re” “se-te-u” “we-xe-ye” “glotal”.²²

Acredita-se que esse procedimento ajudará o usuário a entender que o Mundurukú escrito é baseado em um código fonêmico. Em outras palavras, entender que o alfabeto representa os sons da língua falada e que há uma associação direta entre esses sons e a língua escrita.

Exercício 12: Alfabeto Mundurukú

Revisão: Vamos praticar os fonemas da língua juntamente com suas principais variantes.

| | | | | | | | | | | |
|-----|------|------|----------------------|--------|--------------------------------------|------|-----|-------|----------------|--------------------------------------|
| /a/ | /b/ | /ʃ/ | /d/ | /e/ | /ŋ/ | /h/ | /i/ | /dʒ/ | /k/ | /m/ |
| [a] | [ba] | [ʃa] | PA: [da] AM: [ra] | [ε, e] | [ŋa], [a ^g ŋ], [ãŋ] | [ha] | [i] | [dʒa] | [ka], [akʰ] | [ma], [a ^b m], [ãm] |

| | | | | | | | | | | |
|--------------------------------------|---------|---------------|------|------|----------------|-----|------|------|------|-------|
| /n/ | /o/ | /p/ | /r/ | /s/ | /t/ | /ə/ | /w/ | /ʃ/ | /j/ | /ʔ/ |
| [na], [a ^d n], [ãn] | [o ~ u] | [pa] [apʰ] | [ra] | [sa] | [ta], [atʰ] | [ə] | [wa] | [ʃa] | [ja] | [aʔa] |

| | | | | |
|-----|-----|-----|---------|-----|
| /ã/ | /ẽ/ | /ĩ/ | /õ/ | /õ/ |
| [ã] | [ẽ] | [ĩ] | [õ ~ ã] | [õ] |

Sem consultar as seções anteriores, vamos praticar as letras do alfabeto Mundurukú mostradas abaixo, mas com os termos específicos ao Mundurukú:

| | | | | | | | | | | |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| A a | B b | C c | D d | E e | Ğ ğ | H h | I i | J j | K k | M m |
| N n | O o | P p | R r | S s | T t | U u | W w | X x | Y y | ' |

Algumas palavras Mundurukú serão mostradas para cada aluno individualmente. A tarefa consiste em soletrá-la para os demais e dar o significado em português. Procure resolver o exercício sem consultar o alfabeto.

²² Versão em português: “a-bê-txê”, “dê-é-nhê”, “ha-i-djê”, “ka-mê-nê”, “o-pê-rê”, “sê-tê-â”, “wê-xê-yê”, “glotal”.

- (a) kapusu – bio – daydo – da'orēk – nobanō
- (b) cokōn – pukaso – aware – asāw'a – kajepi
- (c) deko – mureo – taḡe – xidiḡ – xĩntōm
- (d) muwu – wasũ – sapokay – mukaxida – napēnpu
- (e) dajekco – daxew – potip – oho'a – wa'e

Exercício de leitura: Leia os textos abaixo, retirados da *MõnJOROKO ã'õ — Cartilha Mundurukú 2*. Os tons e a laringalização foram adicionados para ajudar na pronúncia das palavras; o acento agudo marca o tom A, o tom B não é marcado, e o acento grave marca a laringalização, que também é tom B.

Texto 1 (pág. 11): **Uk'á**

Ixí uk'á be. I'ít tak uk'á be. Toxáw oexé. I'ít wá dú? Ka'úma. I'ít ixet. Toxáw i'ít o'tóbúxik uk'á be.

Texto 2 (pág. 13): **Wexík'a**

Ikibìt wexík'a káy. Wexík'a kàkè ixí duk'á be. Ikibìt oájēm jexí duk'á be. Íté wa'é kuḡ. Ikibìt wexík'a káy. I'ít tak wexík'a káy. I'ít wá.

Texto 3 (pág. 15): **Ó'o'á**

Ájójót ó'o'á o'yádobúxik. Oexé ó'o'á kuḡ. Ixí uk'á be oexé, je'ít kuḡ. Je'ít ixet. Ixí ájójót o'tóbúxik uk'á be. Ó'o'á kàkè uk'á be. Íxe ó'o'á kuḡ --- ajojot.

5.2. Principais convenções ortográficas da língua Mundurukú

As convenções ortográficas relacionadas abaixo têm o objetivo de servir como um guia para que a escrita Mundurukú possa se tornar padronizada entre seus usuários. Conforme discutido anteriormente, uma das principais razões para ausência de uniformidade na escrita Mundurukú deve-se ao pouco domínio e conhecimento que a comunidade tem de sua própria ortografia. Por isso acrescentou-se a esta descrição as principais convenções ortográficas da língua, que correspondem às principais dificuldades dos Mundurukú quando se trata de língua escrita. Chegou-se a elas através de dois testes conduzidos anteriormente, um no Pará e outro no Amazonas, sobre o domínio da ortografia. O teste consistia em escrever em Mundurukú uma lista de palavras dadas em português. A enorme variação tornou-se logo evidente, assim como as maiores dificuldades no uso do alfabeto. Desse modo, convenciou-se reunir aqui as seis convenções que parecem ser mais problemáticas para os Mundurukú. (Para regras sobre estrutura silábica ver a unidade 3.)²³

²³ Originalmente, havia uma outra convenção que dizia: “Em Mundurukú não há consoantes mudas; todas são articuladas em qualquer posição da palavra, inclusive em final de sílaba.” Essa convenção era dirigida mais aos Mundurukú do Amazonas que, por não falarem a língua, tendiam a não perceber as consoantes

Convenções ortográficas da língua Mundurukú:

- i. Cada fonema da língua é representado por um único grafema, assim como cada grafema corresponde a um único fonema, ordenados na sequência < **a, b, c, d, e, ġ, h, i, j, k, m, n, o, p, r, s, t, u, w, x, y, ' >**.
- ii. Uma exceção à regra (i) são as letras <d> e <r>, que correspondem a um único fonema, /r/, no Mundurukú falado no Amazonas, devendo ser pronunciado como tal. No Mundurukú do Pará, a letra <d> é pronunciada como [d].
- iii. As vogais nasais são indicadas por um til: <ĩ, ê, ã, õ, ã>. Somente a vogal que é intrinsecamente nasal deve ser sinalizada na escrita; se houver uma, geralmente é restrita à margem direita do morfema. Alguns segmentos que antecedem uma vogal nasal podem tornar-se também nasalizados na fala, porém a nasalidade regressiva não é sinalizada na escrita.
- iv. A consoante glotal é representada pelo apóstrofe < ' >, e é para ser usada apenas em início de sílaba.²⁴
- v. A consoante /h/ <h> ocorre opcionalmente no começo de palavras iniciadas por vogal, mas como trata-se de uma regra da língua falada, não deve ser retratada na escrita, ficando a ocorrência de < h > restrita à posição medial, onde ela é de fato contrastiva.
- vi. Os sons vocálicos [u] e [i] podem ser representados na escrita Mundurukú tanto por <w, y> quanto por < o, i >; a escolha de uma ou outra depende da silabificação da sequência contendo [u, i]. Se esses fones formarem uma só sílaba com outra vogal, significa que [u, i] correspondem aos fonemas /w, j/ e, portanto devem ser escritos com <w, y>; se formarem sílabas separadas, [u, i] correspondem às vogais /o, i/, então as letras <o> e <i> devem ser usadas.

Exercício 13: Regras ortográficas

Para responder em voz alta: Diga as letras do alfabeto Mundurukú na ordem estabelecida e sem consultar as seções anteriores.

Exercício de leitura: O texto abaixo contém várias palavras com <d>. Leia-o conforme o Mundurukú falado no Pará e, em seguida, conforme o dialeto do Amazonas. Lembre-se de que os tons e a laringalização foram adicionados, seguindo as mesmas convenções de antes (acento agudo é para tom A, acento grave é para laringalização, e tom B não é marcado).

não-explodidas, ou a não articularem as consoantes nasais, especialmente em final de sílaba. Por ser ela específica a um determinado grupo, optou-se por sua retirada da lista acima, que contém convenções mais gerais.

²⁴ Na proposta de Marjorie Crofts, parece haver uma exceção à regra (iv), especificamente quando se trata do prefixo de terceira pessoa sujeito {o'-}, no seguinte contexto: se {o'-} for combinado com um radical de verbo iniciado por consoante; por exemplo, {o'-} + {takat} (ele + cortar.algo) torna-se na escrita <o'takat> 'Ele o cortou'. Relacionado a isso, e atendendo a uma solicitação dos alunos, estuda-se, no momento, uma forma de utilizar a glotal < ' > para marcar também a laringalização, desde que tal uso não interfira nas convenções já estabelecidas.

(Texto adaptado de MõnJOROKO ekawën, Primeiro Livro de Leitura Mundurukú, 1965: 18)

Komupí daídadam íp: ipará, poydá, káãa, wa'í'a, awàydá, wexíktoytoy'á, cokó, xirirí, murusú. Soát taídadam íp kú be.

Ájo daídadam íp aõyũ? Aoyũ ipará daídadam. Poydá daídadam íp, aoyũ. Ku daã soát taídadam íp. Aoyũ wa'í'a daídadam íp — awàydá, wexíktoytoy'á, cokó, xirirí, murusú. Soát daídadam íp, aõyũ.

Você aprendeu que somente a vogal intrinsecamente nasal deve ser marcada com um til. Descubra se as palavras abaixo têm ou não vogal nasal em Mundurukú, depois escreva-as em Mundurukú, marcando somente a vogal cuja nasalidade é obrigatória.

| | | | |
|-----------|--|----------|--|
| Vai cavar | | Tipiti | |
| Poeira | | Voz dele | |
| Castanha | | Melancia | |
| Forno | | Entra! | |
| Rato | | Come! | |
| Homem | | Remédio | |

DITADO. Escreva as palavras ditadas para ver se você já sabe distinguir entre <w> / <o> e <y> / <i>:

5.3. Avaliando a ortografia Mundurukú

A última seção deste material fornece alguns parâmetros para uma primeira avaliação da escrita prática do Mundurukú. O objetivo é dar a seus usuários meios de verificar se a ortografia escolhida pela comunidade pode ser considerada satisfatória dos pontos de vista linguístico e não linguístico. Trata-se de uma discussão preliminar e restrita, por enquanto, ao alfabeto e suas convenções. Essa primeira avaliação tem como alvos específicos, principalmente, questões como tom, laringalização e < ã >, grafema representante da nasal velar, que não está disponível como um caractere pré-determinado e é difícil de ser obtido sem fontes fonéticas específicas, servindo assim como um obstáculo para impressão e reprodução de materiais impressos.

Smalley (1964) estabelece cinco princípios para a elaboração de uma boa ortografia em qualquer língua, que devem ser *maximamente* seguidos. São eles: máxima motivação, máxima representação, máxima facilidade de aprendizagem, máxima facilidade de reprodução e transferência máxima.²⁵ Apesar dos princípios servirem mais como guia para a fase de elaboração de uma ortografia, eles podem ser também aplicados a ortografias já implementadas, servindo como parâmetros para possíveis ajustes, se for o

²⁵ Há uma vasta literatura voltada para a elaboração de ortografias (ex., Pike 1947; Swadesh 1966; Coulmans 1996, 2003; UNESCO 2004; Roger 2005, Seifart 2006 etc.)

caso.

Uma avaliação da escrita prática da língua é fundamental para que os usuários reflitam sobre os prós e contras das decisões tomadas. Por isso, apresenta-se aqui somente as questões que nortearam o debate feito durante as aulas.

5.3.1 Máxima motivação

O primeiro princípio diz que uma ortografia prática deve ser reconhecida e bem aceita dentro e fora da comunidade que a utiliza. Por isso o envolvimento de membros do grupo deve ser total ao longo de todo o processo de elaboração, divulgação e uso, contribuindo para a aceitação das decisões relacionadas ao sistema de escrita.

PONTOS PARA DISCUSSÃO:

— Há várias formas de escrita Mundurukú, tanto no Pará quanto no Amazonas; materiais didáticos já foram impressos e divulgados na comunidade com diferentes ortografias, contribuindo ainda mais para uma não uniformização da escrita Mundurukú. Que fatores você acha que contribuem mais para que isso aconteça?

— A ortografia mais difundida entre os Mundurukú é a de Marjorie Crofts, estudada neste livro. Essa também foi a escolha da comunidade do Amazonas como uma tentativa de padronizar a escrita prática da língua. Por que você acha que essa é a melhor escolha, comparada a outras que você também conhece? Você acha que esse sistema de escrita será bem aceito por todos na comunidade? Agora que você sabe que há diferenças entre os dialetos do Pará e Amazonas, você ainda acha que é uma boa escolha adotar um único sistema ortográfico? Por quê?

5.3.2 Máxima representação

Uma boa ortografia deve ter uma correspondência de um-para-um entre os grafemas e os fonemas da língua; cada fonema deve ser invariavelmente representado por um único grafema e, inversamente, um mesmo grafema deve corresponder a um só fonema. Isso significa que a forma escrita de uma palavra deve revelar, sem ambiguidades, a sua pronúncia, e que um ouvinte, conhecendo a pronúncia de uma palavra, deve ser capaz de inferir a sua escrita, sem qualquer dúvida.

PONTOS PARA DISCUSSÃO:

— De modo geral, o alfabeto Mundurukú estudado aqui reflete com exatidão o inventário fonêmico da língua, tanto para o Mundurukú do Pará quanto para o do Amazonas?

— Na discussão, leve em consideração o seguinte: vogais laringalizadas *versus* vogais nasais e o sistema tonal. Quais as vantagens e desvantagens de se marcar, ou não marcar, esses aspectos da língua na escrita? Também compare as diferentes opções para representar alguns fonemas e que já estão circulando na comunidade como, por exemplo: manutenção das letras <d> e <r> na escrita do Amazonas *versus* usar somente <r>; /tʃ/ (<c, tx, tʃ, tch>), /dʒ/ (<j, dz, dj>) e /ŋ/ (<g̃, nh>). Qual seriam as melhores opções? Por quê?

5.3.3 *Máxima facilidade de aprendizagem*

Uma ortografia deve ser fácil de ensinar e de aprender, mesmo por aqueles que não são falantes da língua, já que representa todos os sons da língua de maneira simples e clara.

PONTOS PARA DISCUSSÃO:

— A ortografia do Mundurukú é fácil de aprender e de ensinar? Qual é a sua maior dificuldade ao ler um texto em Mundurukú? Você acha que se tom e laringalização fossem marcados, isso ajudaria ou atrapalharia no ensino-aprendizagem da língua? Por que?

5.3.4 *Máxima facilidade de reprodução*

Se possível, um bom sistema de escrita deve evitar símbolos especiais ou incomuns, principalmente aqueles que não estão disponíveis em teclados de computador ou outros equipamentos de impressão. Uma ortografia que requer tecnologia especial para ser reproduzida desestimula seu uso e também a produção constante de materiais impressos e/ou digitais.

PONTOS PARA DISCUSSÃO:

— Combinações de marcação de tons/laringalização e de nasalidade são difíceis de escrever usando o teclado de um computador e, portanto, são inconvenientes, razão pela qual o Mundurukú não marca nenhum dos dois na escrita. Ainda que sua eliminação pareça ser uma boa escolha, ela pode resultar em muitas palavras homógrafas, como vimos anteriormente. Você acha que a ortografia da língua deveria marcar tom e laringalização, ou isso tornaria impossível a produção de materiais impressos? O que você considera mais vantajoso: ter ou não ter sinais para indicar os tons e a laringalização na escrita? Em alguns exercícios anteriores, você experimentou uma escrita na qual esses traços eram indicados. O que você achou?

— Você acha que a ortografia Mundurukú é fácil de ser reproduzida ou há letras específicas que não facilitam a produção de materiais impressos? Se sim, que sugestão você teria para resolver o problema?

5.3.5 *Máxima transferência*

Uma ortografia deve estar em harmonia com outras línguas (ex. português) e com outras variedades de fala (dialetos) e de escrita (materiais impressos) em que os alunos vão querer ler e escrever. Você acha que o sistema ortográfico estudado aqui promoverá essa harmonia, no sentido de que os materiais impressos no Pará poderão ser utilizados no Amazonas, e vice versa? O sistema também está em harmonia com a língua portuguesa, principalmente no que se refere à escolha das letras do alfabeto? E quanto a adotar alguns nomes de letras mais específicos à escrita prática do Mundurukú?

PONTOS PARA DISCUSSÃO:

— Utilizar <d> e <r> na ortografia do Amazonas facilita a leitura porque há uma regra que diz que <d> é foneticamente [r]. No entanto, sua escrita não será tão simples; como o dialeto do Amazonas tem [r] mas não [d], como distinguir quais palavras são escritas com <d> e quais palavras são escritas com <r>, no caso de falantes idosos do

Amazonas? Você acha que a ortografia deve mesmo ser padronizada (isto é, igual para todas as comunidades) ou deveria incorporar algumas das características de cada dialeto?

RESUMO DA AVALIAÇÃO DA ORTOGRAFIA MUNDURUKÚ:²⁶

| | Sim, não ou parcialmente? Acrescente também suas justificativas |
|----------------------------|---|
| Motivação | |
| Representação | |
| Facilidade de aprendizagem | |
| Facilidade de reprodução | |
| Transferência | |

Exercício 14: Praticando a escrita

Tente escrever o texto abaixo em Mundurukú. Acrescente mais ao texto, se possível.

“Bom dia. Meu nome é _____. Eu vim de Kwata-Laranjal. Eu quero aprender a minha língua. Eu quero ensinar Mundurukú para as crianças.”

²⁶ Os alunos discutiram as questões em grupo e depois compartilharam-nas com a turma toda. O resultado parece promissor. Eles puderam perceber que a escolha de uma ortografia tem implicações sérias e que uma decisão mal tomada pode comprometer todo o sucesso de sua implementação na comunidade. A discussão também permitiu que eles refletissem sobre algumas questões como tom e laringalização, especialmente no caso dos Mundurukú do Amazonas que não falam mais a língua. A partir dessa atividade, espera-se que os Mundurukú consigam construir os meios certos para fazer valer uma única forma de escrita prática para, assim, fortalecer a educação indígena nas comunidades, tanto no Pará quanto no Amazonas.

Agora tente criar seu próprio texto:

Um pequeno texto será lido, bem devagar, por um falante nativo. Tente escrevê-lo conforme sua compreensão das palavras. De preferência, tente, inclusive, marcar o tom e a laringalização na forma sugerida anteriormente: acento agudo para tom A, acento grave para laringalização e sem marcação para tom B.

Considerações finais

Uma versão anterior desta pequena introdução à língua Mundurukú foi trabalhada por um período de dez dias (21-30/03/2012), durante as aulas da disciplina Introdução à Língua Indígena, da Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas – Turma Mundurukú (FACED/UFAM), em Borba (AM). A turma é composta por 45 alunos, mas somente 8 dos quais falantes nativos, e todos residentes do Pará onde o Mundurukú ainda é preservado. Os Mundurukú do Amazonas já perderam a língua há várias gerações e agora tentam resgatá-la.

Essa experiência mostrou-me que medidas simples podem ser tomadas para capacitar os aprendizes e falantes de uma língua a compreendê-la melhor para, assim, poderem tomar decisões mais conscientes, principalmente sobre questões como educação indígena e ortografia. Ao longo de todo o processo, os Mundurukú foram incentivados a observar e testar a própria ortografia, ao mesmo tempo que conheciam os aspectos linguísticos da língua falada. Conduzir os trabalhos dessa forma ajudou-os a definir não só o que precisa ser feito para maximizar a eficácia da escrita prática do Mundurukú, mas também a refletir sobre as implicações, positivas e negativas, de suas decisões. Por exemplo, representar o fonema /ŋ/ com o dígrafo <nh> é desnecessário e confuso porque a língua possui <n> e <h> como grafemas independentes para outros fonemas da língua; ao mesmo tempo, optar por <ḡ> dificultará a produção de materiais impressos já que a combinação “g-til” não é facilmente obtida com fontes comuns. Então, não se trata de “certo” ou “errado” nas diversas formas de escrita que circulam nas comunidades, mas sim de uma reflexão consciente sobre os prós e contras de cada uma. Claro que há muito a ser feito até que discussões assim cheguem a todos os professores e aprendizes das comunidades, mas pelo menos o primeiro passo foi dado.

Espero que este material possa contribuir para elevar o status do Mundurukú, falado e escrito, nas comunidades e, também, que possa ser útil em cursos de formação de professores ou quaisquer outros programas educacionais que venham a ser desenvolvidos junto aos Mundurukú.

Referências

- Borella, Cristina & Eneida Santos. 2011. A língua Mundurukú na Terra Indígena Kwatá-Laranjal: a espera do outro. In S. Holanda, F. Pessoa, M. Ferreira & T. Sarmento-Pantoja (Orgs.), *Anais do III CIELLA*, Vol. 1, 217-221. Belém: CVR. [EtnoLink]
- Braun, Ilse & Marjorie Crofts. 1965. Mundurukú Phonology. *Anthropological Linguistics* 7(7): 23-39.
- Cardoso, Francisco. 2004. *Livro de leitura Mundurukú*. Brasília: FUNAI, 1995.
- Catford, John C. 1964. Phonation types: the classification of some laryngeal components of speech production. In D. Abercrombie, D.B. Fry, P.A.D. MacCarthy, N.C. Scott, & J.L.M. Trim (eds.), *In Honour of Daniel Jones*, 26-37. London: Longman.
- Catford, John C. 1977. *Fundamental Problems in Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Coulmas, Florian. 1996. *The Blackwell encyclopedia of writing systems*. Oxford: Blackwell.
- Coulmas, Florian. 2003. *Writing systems: An introduction to their linguistic analysis*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Crofts, Marjorie. 1967. Notas sobre dois dialetos do Mundurukú. *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica* Vol. II, 85-91. Belém: Série Antropologia.
- Crofts, Marjorie. 1973. *Gramática Mundurukú*. Brasília: SIL Publications, SIL-Brasil.
- Crofts, Marjorie. 1985. *Aspectos da língua Mundurukú*. Brasília: SIL Publications, SIL-Brasil.
- Crystal, David. 1985. *Dicionário de linguística e fonética*. Trad. e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Franchetto, Bruna. 2008. A guerra dos alfabetos: Os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. *MANA, Estudos de Antropologia Social* 14(10): 31-59. [EtnoLink]
- Gordon, Matthew & Peter Ladefoged. 2001. Phonation types: A crosslinguistic overview. *Journal of Phonetics* 29: 383-406.
- Instituto Socioambiental. 2012. Verbete 'Munduruku'. *Povos Indígenas no Brasil*. Versão acessada em 19 de dezembro de 2012 e arquivada em <http://www.etnolinguistica.org/archive:1>. Disponível originalmente em <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/munduruku>.
- Wikipedia [en]. 2012. Guaraní Alphabet. Acessado em 11 de maio de 2012. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Guaran%C3%AD_alphabet.
- International Phonetic Association. 2005. *The International Phonetic Alphabet (revised to 2005)*. [EtnoLink]
- Ladefoged, Peter. 1971. *Preliminaries to Linguistic Phonetics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Loukotka, Chestmir. 1968. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: Latin American Center, University of California.
- Mõnjouroko ã'õ — Cartilha Mundurukú 1*. 1966. Rio de Janeiro: Museu Nacional, SIL-Brasil & Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- Mõnjouroko ã'õ — Cartilha Mundurukú 2*. 1965. Rio de Janeiro: Museu Nacional, SIL-Brasil & Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- Mõnjouroko ekawẽn — Primeiro Livro de Leitura Mundurukú*. 1965. Rio de Janeiro:

- Museu Nacional, SIL-Brasil & Conselho Nacional de Proteção aos Índios.
- Nimuendajú, Curt. 1948. Tribes of the lower and middle Xingu river. In J.H.Steward (ed.), *The Handbook of South American Indians* Vol. III, 213-243. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution. [[EtnoLink](#)]
- Picanço, Gessiane. 2002. O Sistema Tonal de Mundurukú Revisitado. In A. D. Rodrigues & A. S. Cabral (eds.), *Línguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História, Atas do I Encontro Internacional do GT sobre Línguas Indígenas*, Tomo I, 243-253. Belém: Editora Universitária da UFPA.
- Picanço, Gessiane. 2005. *Mundurukú: Phonetics, Phonology, Synchrony, Diachrony*. Vancouver, BC: University of British Columbia dissertation. [[EtnoLink](#)]
- Picanço, Gessiane. 2012. Language planning for Mundurukú do Amazonas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 12, n. 2, p. 405-423. [[EtnoLink](#)]
- Pike, Kenneth L. 1945. *Tone languages: The nature of tonemic systems, with a technique for the analysis of their significant pitch contrasts*. Glendale: Summer Institute of Linguistics.
- Rodrigues, Aryon D. 1964. A classificação do tronco linguístico Tupi. *Revista de Antropologia* 12: 99-104.
- Rodrigues, Aryon D. 1986. *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- Rodrigues, Aryon D. 1999. Tupi. In R. M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, 107-124. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rogers, Henry. 2005. *Writing systems: A linguistic approach*. Oxford & Maine: Blackwell Publishing.
- Seifart, Frank. 2006. Orthography development. In J. Gippert, et al (Eds.), *Essentials of Language Documentation*, 275-299. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Smalley, William. 1964. How Shall I Write This Language? In *Orthography Studies: Articles on New Writing Systems*. Helps for Translators 6, 31-52. London: United Bible Societies.
- Swadesh, Mauricio. 1966. Possible devices for alphabetic simplification in Africa. UNESCO/CLT/BALING 6: *Meeting of Groups of Experts for the Unification of Alphabets of the National Languages*, Accra. [[EtnoLink](#)]
- UNESCO. 2004. *Manual for developing literacy and adult education programmes in minority language communities*. Asia-Pacific Programme of Education for All. Bangkok: UNESCO. [[EtnoLink](#)]

Pequeno glossário

Este pequeno glossário contém definições simplificadas para termos específicos usados neste livro. A maioria das definições foi adaptada a partir dos verbetes encontrados no *Dicionário de Linguística e Fonética* (Crystal, 1985); as demais foram obtidas a partir de referências específicas, indicadas nos próprios termos.

Alfabeto: Conjunto de grafemas que representam os sons de uma língua.

Alofone: Variações fonéticas de um fonema, com base no contexto.

Assimilação: Influência exercida por um fone sobre a articulação de outro, de forma a torná-los mais parecidos ou idênticos. *Assimilação regressiva:* O fone afetado precede o fone causador da mudança.

Descrição linguística: Relato abrangente, sistemático, objetivo e preciso dos padrões e uso de uma língua em uma determinada época.

Diacrítico: Sinal acrescentado a um símbolo para alterar seu valor como, por exemplo, os acentos para indicar o tom e a laringalização, e o til para indicar a nasalidade.

Dialeto: Variante, social ou geográfica, de uma mesma língua, identificada através de diferenças de vocabulário ou de estruturas gramaticais.

Distribuição: Conjunto de ambientes linguísticos em que pode ocorrer uma unidade.

Distribuição complementar: Relação de mútua exclusividade estabelecida entre dois ou mais alofones em ambientes fonéticos específicos.

Fonação: Diferentes tipos de vibração das cordas vocais (sonoridade).

Fone: Menor unidade perceptível de som na fala contínua; realizações físicas dos fonemas.

Fonema: Unidade mínima do sistema sonora de uma língua, capaz de estabelecer contrastes de significação entre palavras.

Fonética: Estuda as características dos sons da fala humana e fornece os meios para sua descrição, classificação e transcrição.

Fonologia: Estuda a organização dos sons que compõem o sistema sonoro de uma língua, em relação aos contrastes que eles ali estabelecem.

Fonologia segmental: Analisa a fala em relação às unidades distintivas, ou fonemas.

Fonotática: Usado em fonologia para indicar as combinações permitidas (comportamento tático) de fones e fonemas de uma língua dentro da sílaba ou da palavra.

Grafema: Unidade mínima no sistema de escrita de uma língua; representações gráficas dos sons da língua.

Homografia: Termo que caracteriza palavras escritas da mesma maneira mas diferentes na significação.

Inventário: Listagem de itens que compõem uma dada área de descrição de uma língua. *Inventário fonético:* lista dos fones (sons) de uma língua. *Inventário fonêmico:* lista dos fonemas da língua.

Laringalização: Tipo de vibração das cordas, diferente da vibração durante uma voz normal; um som produzido como se fossem sequências de pequenos estalos, com voz “crepitante” (Catford, 1964: 32), e de altura muito baixa (Ladefoged, 1971).

Modo de articulação: Parâmetros para classificar os sons da fala com base em suas propriedades articulatórias.

Morfema: Unidade mínima da gramática, dotada de significado.

Nasalização: Produção de sons da fala caracterizada pelo abaixamento do véu palatino de modo a permitir que parte da corrente de ar escape pelo nariz.

Neutralização: Perda de contraste entre dois fonemas.

Ortografia: União de uma série de grafemas padronizados, como num alfabeto, com uma série de regras, também padronizadas, que definem sua utilização (Seifart, 2006).

Ponto de articulação: Parâmetros para classificar os sons da fala com base em pontos específicos do aparelho fonador em que um som é produzido.

Segmento: Qualquer unidade discreta (fone ou fonema) que pode ser identificada na fala contínua.

Sílaba: Unidade de pronúncia maior do que um som e menor do que uma palavra, que organiza as sequências de sons dentro das palavras.

Silabificação/silabação: Divisão de uma palavra em sílabas.

Sistema: Relações padronizadas que constituem a organização da língua em diferentes níveis (fonológico, morfológico etc.)

Tom: Nível de altura (pitch) distintiva de uma sílaba. *Língua tonal:* línguas que usam a altura (pitch) para distinguir palavras ou categorias gramaticais.

Transcrição fonêmica: Método para escrever as unidades linguisticamente contrastivas, ou seja, os fonemas de uma língua; convencionalmente identificada pelo uso de barras inclinadas /.../.

Transcrição fonética: Método para escrever os sons da fala de forma sistemática, com base nas propriedades articulatórias dos sons; convencionalmente identificada pelo uso de colchetes [...].

Varição livre: Possibilidade de substituição de um fone por outro em qualquer ambiente, ou em ambiente específico, sem qualquer alteração no significado da palavra.

Cadernos de Etnolinguística
ISSN 1946-7095

Série Monografias, 3

*Introdução ao Mundurukú:
fonética, fonologia e ortografia*

por Gessiane Lobato Picanço

Esta monografia é uma versão ligeiramente revisada de um material elaborado para a disciplina Introdução à Língua Indígena, pertencente à grade curricular da Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas — Turma Mundurukú (Faculdade de Educação, Universidade Federal do Amazonas), utilizado durante as aulas da disciplina em março de 2012. No entanto, seu teor é acessível a qualquer pessoa, falante ou não da língua, mas com alguma familiaridade com os conceitos básicos necessários para a compreensão de uma análise fonético-fonológica. Ela foi elaborada para o povo Mundurukú com três finalidades: simplificar a descrição da fonética e da fonologia da língua nativa, o Mundurukú (Tupí); mostrar como essa estrutura se relaciona com seu sistema ortográfico; e oferecer a seus usuários meios de verificar se a ortografia da língua pode ser considerada satisfatória dos pontos de vista linguístico e não linguístico.

ISBN 978-0-9846008-2-3

Disponível gratuitamente para download em
<http://www.etnolinguistica.org/mono:3>